VIA TORTUOSA

Uma Exposição sobre Feitiçaria do Caminho Tortuoso

Via Tortuosa

Uma Exposição sobre a Feitiçaria do Caminho Tortuoso

Daniel A. Schulke & Robert Fitzgerald Imagens de James Dunk XOANON LIMITED MMVIII

VIA TORTUOSA

 Xoanon 1511 Sycamore Avenue PMB 131 Hercules, CA 94547

Sumário

Introdução

O termo 'caminho tortuoso' no uso idiomático inglês tem sido usado há muito tempo para insinuar um padrão de desvio do 'reto e estreito', ou seja, do caminho aceito, legal ou moral. No que diz respeito à filosofia mágica, o termo Feitiçaria do Caminho Tortuoso foi cunhado por Andrew D. Chumbley (1967-2004), um estudioso de religiões comparadas e praticante mágico em Essex, Inglaterra, para definir um ethos de magia caracterizado por oposição, transgressão e revelação espiritual recursiva. O termo abrangia um padrão perene prevalente na feitiçaria histórica no nível da magia popular — às vezes, mas nem sempre, chamada de 'bruxaria' — e também o desenvolvimento consciente deste ethos como uma

VIA TORTUOSA

fenomenologia oculta na era presente. Isto foi enriquecido pelos escritos e práticas dos iniciados da ordem mágica Cultus Sabbati, da qual Chumbley serviu como Magister de 1991 até sua morte em 2004. O termo aliado Via Tortuosa pode ser literalmente entendido como o 'caminho torcido', 'caminho sinuoso' ou a 'estrada contorcida', marcada por convoluções e rota indireta; também prenuncia o caminho do adepto do Caminho Tortuoso como um repleto de dificuldades, provações e 'passos tortuosos'. Esta explicação de severidade é um tendão vital no Corpo da Provação, e um árbitro feiticeiro da revelação mística e transcendência.

Como epistemologia e prática mágica, a Feitiçaria do Caminho Tortuoso foi desenvolvida nas células internas e covens do Cultus Sabbati. A Ordem é a herdeira e guardiã de várias tradições mágicas transmitidas oralmente, derivando ultimamente de um híbrido de práticas de curandeiros populares britânicos e estruturas de lojas de magia cerimonial do final dos anos 1800, mas presumivelmente mais antigas, dado seu padrão penetrante nas tradições de encantamento rural.[1] Outras correntes mágicas do século XX, como encantamentos rurais pré-guerra, herbalismo, magia popular norte-americana, maçonaria, e a Ordem dos Templários Orientais também fluíram para a tradição, aumentando seus ensinamentos centrais com características afins.[2] Embora sejam diversas em termos de proveniência e expressão, muitas dessas correntes sincréticas compartilham características afins de rituais, feitiços e tradições relacionadas ao Sabbat medieval das Bruxas e, em casos raros, o uso privado do termo bruxaria para descrever a forma ativa dessas práticas. O termo coletivo para a reificação externa dessas correntes, procedentes do Cultus, é "O Ofício Sabático" ou "Bruxaria Sabática".

Como filosofia mágica, a Feitiçaria do Caminho Tortuoso historicamente permeou a Tradição Sabática, mesmo antes de seu ponto de nomeação, exibindo uma forma complexamente incorporada em cada um de seus adeptos. Suas expressões externas foram propostas através dos escritos de vários iniciados do Cultus, na forma de tratados mágicos, ensaios, grimórios e obras de arte visual, disseminados através da Xoanon, a face externa da ordem. Chumbley descreveu o Caminho Tortuoso sucintamente como:

> o caminho sempre desviante que conecta momento a momento em um continuum de consciência iniciatória.[3]

Esta definição enfatiza a natureza do Caminho Tortuoso como uma passagem, tanto em termos de estrutura física interpenetrando tempo e espaço, quanto como um padrão de

movimento dentro dele, bem como seu caráter aberrante. Também é evidente o poder de conectividade mágica da Via Tortuosa, circunscrevendo um processo que é ativo, em vez de estático; unificado em vez de compartimentalizado. De fato, a Feitiçaria do Caminho Tortuoso não é apenas um conceito com amplas aplicações em muitas correntes mágicas, mas também um corpo distinto de ensinamentos únicos que sustentam o ethos e a narrativa histórica das tradições do Ofício Sabático, abrangendo arcanos especializados como o Opositor, o Caminho Duplo, a Gnose Cainita e a Sabedoria Exílica.

Como um ensinamento de sabedoria, a feitiçaria do Caminho Tortuoso é melhor compreendida em um contexto histórico maior da evolução do pensamento mágico ocidental. Em particular, ela interpenetra o fenômeno histórico agregado chamado 'bruxaria' e sua relação oposicional com práticas religiosas e mágicas ortodoxas.

Falando de forma ampla, é sem dúvida que a transmissão de diversos conhecimentos e práticas ocultas persistiu na Inglaterra, Europa e Américas durante toda a era de perseguição à bruxaria e além, até os dias atuais. Além dos exemplos textuais de grimórios necromânticos, os diversos campos da magia natural, alquimia, cabalismo, astrologia, cura pela fé, maçonaria, profecia popular e interpretação de sonhos se destacam especialmente como exemplos de prática oculta contemporânea à metástase

Introdução

da caça às bruxas e perseguição. Embora nem sempre alinhados com a magia ilícita classificada como bruxaria, ensinamentos e práticas ocultas, transmitidos em forma oral e impressa, eram valorizados no contexto da magia prática rural, cujas proclividades prontamente sincréticas são atestadas por 'livros negros' empregados por encantadores rurais, adivinhos e outros especialistas mágicos.[4] Tais correntes de prática tradicional, bem como os papéis estabelecidos de usuários mágicos que as utilizavam, muitas vezes existiam lado a lado com o mito da bruxa, e o corpus popular de feitiços e encantos certamente incluía maldições e outras magias maléficas, os cartões de visita feiticeiros da bruxa.[5]

Frequentemente definida historicamente como heresia religiosa, atividade criminosa ou uso malévolo do poder divino, a bruxaria como acusação foi aplicada em um amplo espectro de atividade oculta, incluindo prática mágica popular, cura e adivinhação. Considerando muitas das fontes históricas, é tentador concluir que a representação da bruxa como 'tortuosa' ou retrógrada por natureza foi meramente uma distorção

A FEITIÇARIA do Caminho Tortuoso emerge das armaduras espirituais que sustentam o fenômeno histórico da 'bruxaria' — magia ilícita proscrita por pagãos e cristãos igualmente, e frequentemente, embora não sempre, atribuída às mulheres. Através da procissão da construção legal da bruxa e suas práticas livremente misturadas com os ensinamentos da magia popular, folclore, doutrina religiosa e heresiologia, arte e literatura, acumulando ainda mais aspectos de magia sinistral. Como uma perversão da teologia cristã medieval tardia, a bruxaria era um egrégor formado pelo medo, sadismo, projeção de heresia religiosa, e uma lexicologia altamente fetichizada. Em outros casos, 'bruxaria' era um nome para práticas mágicas coercitivas reais que precediam até mesmo os chamados 'deuses pagãos', como a tabela de maldição e o filtro de amor. Em alguns casos, os rudimentos de práticas reais de bruxaria, de origem presumivelmente antiga, foram localizados em antigos textos documentais do próprio Sabbat. Central à bruxaria — e seu corpo atuado, o culto da bruxa — estão as doutrinas de inversão, oposição e outras características 'retrógradas' que servem para defini-la como 'tortuosa'. Aberrações de papel, ação ritual e percepção sensorial são especialmente indicativas, assim como a ordenação e desordenação do pensamento e identidade. Estas características retrógradas são extrapoladas em suas formas mais elevadas no Sabbat das Bruxas, uma arena de poder altamente carregada e especializada, notada na história e folclore por seus ritos transgressivos e inversão da ordem normativa, tornando-a 'tortuosa'.

Em consideração a esta estranheza, o micro-historiador Piero Camporesi nota que aspectos do clássico Sabbat das Bruxas participam do sonho coletivo dos empobrecidos, com seus banquetes fantásticos, imagens e papéis sociais antipodais.[6] Embora isso não possa explicar o Sabbat em sua totalidade, ele o localiza em um curioso reino 'retrógrado' oposto ao ordinário, e

reconhece sua fantasmagoria acompanhante. Da mesma forma, o fenômeno do 'diabolismo', a inversão intencional de princípios cristãos para extrapolar uma teologia satânica, é menos a preocupação da magia e feitiçaria do que da rebelião espiritual ou libertação do espírito.[7] A inversão ritual da bruxa, ao contrário, é um ato mágico unitivo que libera poder primeiramente da prima materia, em segundo lugar daquilo que ela se torna, mas acima de tudo do próprio ato de virar. É esta força tríplice recursiva de inversão que penetra o terreno do Caminho Tortuoso tanto na aparência física quanto metafísica, e é conhecida dentro do Cultus Sabbati como 'O Caminho Retrógrado'.

Como o próprio locus da assembleia das bruxas, ou Acre da Dança Circular, o Sabbat é tanto um enclave espiritual quanto um local de reunião do coven de bruxas — mais

frequentemente um topo de montanha, bosque ou caverna. No primeiro caso, o enclave representa um espaço liminar, seja onírico ou astral: uma arena de poder para o espírito transladado do praticante. Uma reunião de bruxas, em contraste, é física, mas extrapolada para a hiperfisicalidade pelas fases distorcedoras do Rito Sabático. Cada estado, seja manifesto ou

O Caminho Retrógrado

não manifesto, é marcado por sua remoção absoluta do mundo usual e mundano da experiência para um estado de alteridade.

As forças animadoras do Sabbat geram uma distorção dos estados psíquicos e sensoriais usuais: frequentemente imagens e rostos são percebidos como invertidos, como em um negativo fotográfico. O encontro físico pressagia o despertar e a negação do carnal sem consideração pelo ego ou identidade: toda carne serve ao Mestre. Estas práticas, além de serem afrontas contra Deus, também eram consideradas uma ofensa à Natureza. O beijo obsceno, com sua veneração oral das partes traseiras infernais, é apenas um exemplo; uma orgia tumultuada de esfolamento dos sentidos é outra. A cópula com o diabo, um ato ritual servindo como cifra blasfema de pacto e comunhão, é ainda uma terceira. Neste último caso, através da agência do Sabbat, o tabu sexual é derrubado a serviço de uma agência diabólica cuja concentração de flumen atávico evoca a disposição antinomiana do próprio Caminho Tortuoso.

Além dos costumes sociais, o Sabbat apresenta uma inversão, ou reversão, do espiritual. A religião, sendo a forma legal de congresso com o divino, é praticada em perfeita piedade, violada em perfídia, e totalmente subsumida ao espírito presidente do rito, liberando vastas quantidades de poder previamente mantidas em reserva. Isso culmina em pontos rituais críticos como a Profanação da Hóstia, Pisar na Cruz, e

VIA TORTUOSA

recitar a Oração do Senhor de trás para frente, uma fórmula mágica bem conhecida no folclore para ganhar poder de bruxaria. Em cada instância, a passagem de um estado para seu oposto define um caminho tortuoso de ida e volta, abrangendo tudo.

O Glamour Circeano

Um estrato peculiar da natureza 'retrógrada' da bruxaria é expresso através de suas incorporações na carne, começando com a preeminência do feminino. Esta inversão tem

implicações nas esferas mágicas, religiosas e sociais, além da indignação da ordem usual sendo virada de cabeça para baixo, como uma ordem separada de poder espiritual. Permanecendo em oposição à autoridade eclesiástica, um reduto tradicionalmente masculino, a figura da bruxa viola a santidade tradicional do sacerdócio, personificando tanto a caracterização cristã perversa da mulher-como-imundície, quanto o ressurgimento de diversas figuras pré-cristãs de divindade feminina e feitiçaria.[8]

A mais infame e impressionante destas deriva de Homero na pessoa de Circe, a bruxa arquetípica conhecida por seu poder de transformação, e seus desvios em palavra e ação. Parte feiticeira, parte ninfa, parte descendente dos grandes Titãs, ela possuía

múltiplos encantos, entre os quais estava a transformação da carne. Isso se liga ao glamour das bruxas e à feitiçaria de mudança de forma, duas inversões de estados corporais normativos apresentando aspectos 'tortuosos', e nutrindo correntes antigas de bruxaria. De donzela a sedutora a anciã, e de humana de volta a besta, o Glamour Circeano é lançado para confundir, prender e aprisionar os incautos e tolos. Em sua totalidade, o glamour é usado para vincular outros à própria vontade via força inversora, e recebe controle completo dentro da orgia do Sabbat das Bruxas. A bruxa velha pode assim aparecer atraente em juventude núbil, e o jovem robusto receber a máscara cornuda e áspera de um diabo com cabeça de cervo. No vínculo de glamour, a doutrina sabática de inversão alcança uma apoteose de poder através da manipulação bestial e pericorética da carne.

Representações posteriores das orgias noturnas das bruxas, ligadas como estão a Holda, Diana e a hoste furiosa, frequentemente apresentam uma sexualidade antinomiana, ou como o estudioso de bruxaria Charles Zika chamou, cenas de desordem sexual.[9] Na iconografia da bruxa, isso é tipificado pela inversão da estética, e pela justaposição dos estados gêmeos de beleza física (atração) e feiura (repulsão). Outra hipóstase do glamour, a aparência da bruxa serve como o filtro incorporado, ou

ainda como um apotropaico. Enquanto tais cenas serviram a propósitos variados historicamente, dentro da Corrente Sabática elas são cifras potentes do continuum da feiticeira. A 'virada' da corrente sexual feminina, e os poderes do próprio corpo, inclusive de correntes opostas, são um encirclement da totalidade desta força, prefigurando uma

sexualidade expandida, uma inextricavelmente ligada à feitiçaria. Como uma doutrina oculta do Caminho Tortuoso, é a visceralidade mágica transcendente conhecida como a Nova Carne.

Em sua forma como Lâmia, a bruxa era uma perversão da fêmea humana normativa, enfatizando atributos do monstruoso e aliada com as iconostases da noite e atividade crepuscular. Ela era a devoradora de carne infantil, assombradora do homem e moradora da sombra. Gervais de Tilbury escreveu que as lamiae eram vulgarmente chamadas masceae ou em francês strie, são ditas pelos médicos serem imaginações noturnas que perturbam as mentes dos adormecidos e oprimem com peso.... Mas para satisfazer a moral e os ouvidos dos homens nós concluímos que é o infortúnio de certos homens e mulheres voar pela noite através de vastas distâncias, entrar em casas, oprimir os adormecidos com sonhos pesados; eles parecem comer e acender velas, dissolver ossos humanos, sugar sangue humano e mover crianças de lugar para lugar.[10]

O Caminho Retrógrado

Estas características se aliam com a antiga hoste de Lilitu- Lilith, um complexo de divindades do Oriente Próximo alinhadas com a noite e predação, mas também sexualidade feminina indomada, fertilidade, transgressão e, mais tarde, bruxaria.

O sacerdócio-sombra da bruxa encontra sua mônada suprema na figura conhecida como a Rainha do Sabbat, a alta soberana da assembleia da meia-noite. Como refletido em registros medievais, a figura parece emergir das névoas da antiguidade distante, às vezes na personagem de Diana coroada pela lua, e em outras vezes portando o nome Habondia, Perchta, Herodias e Doamna Zinelor. Em alguns casos ela preside sobre a grande assembleia das bruxas, em outros ela governa conjuntamente com o Homem Negro do Sabbat, conhecido pelo título de 'Diabo'. Consequentemente, em tais casos a Rainha também pode portar o título Devala.

A Irmandade da Noite

A Noite, e a primazia especial da Lua, são características antigas da bruxaria e estão em forte oposição à ordem solar. Como um período humano caracterizado por retraimento físico, privacidade, atividade sexual íntima, sono, sonhos, sensação distorcida e terrores noturnos, a noite é, em si mesma, uma inversão do dia, mas também mapeia aproximadamente para o Alto Sabbat. Para a ordem diurna, a Noite é um tempo de

ilegalidade, onde rotinas diárias são derrubadas, e a lua e outros luminares celestes aparecem, na ausência do sol. Para a religião ortodoxa, a noite é o tempo de pavor, horror e abandono da luz. E ainda assim, a Noite foi uma vez supremamente sagrada: os Órficos foram o último dos cultos de mistério gregos a reviver e adorar Nyx, ou Noite. Homero relatou que a Noite era a subjugadora tanto de deuses quanto de homens,[11] e pronuncia os decretos da necessidade. O Papiro Derveni, um texto órfico datado do século V AEC, nomeia a Noite como a primeira dos deuses.

Dentro dos covens atuais da Tradição Sabática, uma 'dança retrógrada das bruxas' foi transmitida em um corpo distinto de ensinamentos das Fronteiras Galesas, originando-se no século XIX, mas provavelmente mais antiga. A dança ritual é composta de passes distintos que simultaneamente iniciam um estado de transe e cifram um mergulho descendente nas profundezas infernais, na esperança de obter audiência direta com o Diabo. A dança retrógrada, também conhecida como 'andar em círculo tortuoso' se alinha com a direção anti-horária ou widdershins, aquele caminho que gira contra o sol. Entre seus iniciados, esta associação deu origem ao lema Contra a Luz.

Animais Noturnos, sendo os companheiros mágicos especiais da bruxa, servem para presenciar a ordem noturna e sua magia através de familiares especificados,

O Caminho Retrógrado

bem como sendo um contraponto oposicional aos animais diurnos. A coruja, por exemplo, é um animal com associações generalizadas à bruxaria, e é encarnada em bestas como a Strix, pássaro de mau agouro.

A Hoste Óssea

Além de abranger uma série de poderes e práxis mágicas, o Sabbat é também a incorporação de princípios 'retrógrados', que emergem da fantasia das bruxas como ensinamentos distintos do Caminho Tortuoso. Entre estes estão ritos, práticas e doutrinas relacionados ao reino dos Mortos; estes antecedentes infundem as modalidades mágicas da Feitiçaria do Caminho Tortuoso. A Ceia das Bruxas, por exemplo, inverte a forma clássica do ritual funerário comunitário para o compartilhamento do cadáver como a refeição comunitária central. Embora este ato ritual tenha sido visto por alguns como uma caricatura de propaganda clerical, suas

características também estão presentes na feitiçaria popular contemporânea aos julgamentos de bruxas, bem como certas aplicações mórbidas de alquimia e boticária.

Ao contrário dos ritos medievais de congressus necromântico, onde os mortos são constrangidos dentro do círculo mágico, o Sabbat é em certo sentido um anátema à Ressurgência Atávica, pois em vez de se engajar convivialmente com o séquito ancestral coletivo, o feiticeiro é protegido das sombras dos mortos por armamentos mágicos e limites. Um afrouxamento do protocolo ritual necromântico está presente dentro da

cerimônia das bruxas, onde os espíritos dos mortos são frequentemente conjurados indiscriminadamente, em massa. Isso é visto não apenas no Sabbat, mas também na cavalgada da meia-noite das bruxas, frequentemente confundida com a Hoste Furiosa, uma tropa aérea noturna dos mortos cujo antigo corpus de folclore frequentemente se cruza com o da bruxa europeia. Caracterizada pela comunhão promíscua entre carne viva e morta, esta ordem inversiva também é epitomizada na cavalgada noturna da hoste de Diana, onde a bruxa era às vezes retratada montando a besta de costas, cavalgando-a até o Sabbat. Isso pode ser visto em uma xilogravura representando uma bruxa feminina cavalgando de costas em um bode por Albrecht Dürer (1500) ou a xilogravura de um bruxo masculino cavalgando de costas em um gato na edição de 1545 do Canon Episcopi. Montar e cavalgar o bode, ou outros animais, por trás, é uma cifra do 'caminho retrógrado' da bruxa e, como o proeminente estudioso do simbolismo da bruxaria Charles Zika observou, representativo da inversão ou reversão da sexualidade feminina aceita. Outro folclore das Ilhas Britânicas relata bruxas caminhando de costas para o Sabbat, ou para serviços da igreja, a fim de roubar uma hóstia consagrada para empoderamento satânico.

As fórmulas mágicas de Ressurgência Atávica de Austin Osman Spare são, quando realizadas, uma forma de necromancia, e uma interpretação precisa de certas

fórmulas antigas do Sabbat. Ela compreende a invocação de tendências tanto familiares quanto ancestrais das regiões inferiores da alma, e da memória do sangue, efetuando mudanças transformacionais na consciência somática. Servindo para 'encarnar o Sonho' — as realidades oníricas coletivas de todos os adeptos dentro da Corrente — o sensório é marcado por distorções extremas, engendrando formas corporais

perturbadas e deformadas, o pesadelo da metamorfose teriândrica, e a perda do corpo 'conhecido'. Assim é vislumbrado o Corpo de Sombra, e surge como a Nova Carne.

O Opositor

ELEMENTAR ao Caminho Convoluído é o ordalium, o cadinho de provações e testes a que o feiticeiro é submetido pela legião de espíritos coletivamente caracterizados como o Opositor. Em contextos teístas, o Opositor assume mantos como o egípcio Set ou o hebraico Shaitan, parte de um clade de espíritos relacionados ao complexo deífico de Lúcifer.[12] Como a primeira e mais profunda provação enfrentada pelo praticante do Caminho Tortuoso, o Opositor impregna as matrizes coletivas de tudo o que procede de sua exação.

A Corrente do Opositor transecciona os estratos mais profundos da Via Tortuosa, ressoando com a totalidade

A PRIMEIRA TRANSGRESSÃO de Caim foi a profanação dos Altares dos Deuses Profanos, e o poder obtido por este ato. O conhecimento da Feitiçaria do Caminho Tortuoso conta que o primeiro círculo mágico foi lançado por Caim usando o sangue de seu irmão, uma parábola conhecida como "O Mistério do Vermelho e do Verde". Em sua forma como o cultivador da terra, Caim conjura vida — o esverdeamento dos campos primevos — através do sacramento da morte, o vinho vermelho do abate. Abel é assim a alma da vaidade e apaziguamento de um demiurgo arrogante. Dentro da Corrente Sabática, o círculo mágico é, portanto, conhecido em sua primeira hipóstase como o Acre de Sangue, o simulacro temporal do encantamento primordial de Caim. Esta arena de operação mágica torna-se o "templo sem paredes", iniciado pela coação do passo do Exílio sobre a Terra de Nod[13], consagrado pela invocação do primeiro sacrifício primordial.

O sacrifício de sangue é um antigo ato de poder que, para o materialista moderno, é filosoficamente sobrecarregado com o sabor repulsivo da religião monoteísta.[14] A distinção entre isso e o ato de sacrifício para fins de feitiçaria é dupla. O poder que normalmente seria lançado para as mandíbulas de um egrégor parasítico é reivindicado em vez disso pelo Santo Mago, sua essência para usar e direcionar de acordo com a vontade. Além disso, o aspecto herético de subverter o protocolo sacrificial imposto da religião ortodoxa revela sua natureza 'tortuosa', assim como o ato de fratricídio, uma transgressão contra a lei e o tabu social. Na usurpação e blasfêmia dos ritos sacrificais do demiurgo, Caim pode ser visto como incorporando o poder essencial de 'voltar-se contra' o Caminho, uma força que anima todas as manifestações da Feitiçaria do Caminho Tortuoso.

Modalidades feiticeiras transgressivas de sacrifício 'tortuoso' podem ser encontradas em várias construções mágicas populares que encontraram seu caminho nas práticas de bruxaria, como as 'Águas da Lua' ou o ritual do Osso de Sapo. Na forma de East Anglia deste rito, um

VIA TORTUOSA

sapo é capturado e empalado com espinhos, geralmente aqueles do Espinheiro Branco (Crataegus monogyna) ou Espinheiro Negro (Prunus spinosa), ambas árvores com espinhos formidáveis e associadas à magia apotropaica e transfixação. A carne do sapo é então exposta, a carne despojada por insetos e elementos, deixando apenas um esqueleto. Os ossos que permanecem são coletados e levados a um riacho onde são flutuados na água sob a luz da lua. O praticante observa o movimento dos ossos na água, procurando aquele que flui contra a corrente. Este osso é então apreendido. Nas noites subsequentes, o Diabo aparece, tentando roubar o osso do 'bruxo-do-sapo'; se alguém prevalece nesta disputa, ganha o poder de controlar cavalos, animais ou, em algumas versões do rito, humanos. Embora o ritual seja encontrado em várias formas por toda a Europa antiga e, mais tarde, na América do Norte colonial, existem certos componentes mágicos comuns à maioria das versões do rito. Apesar da origem antiga do rito, ele veio a ser associado às guildas místicas de Equitação, e de Caim, que na lenda domou o primeiro cavalo. O One: The Grimoire of the Golden Toad de Chumbley é um relato pessoal da realização deste rito, um antigo feitiço para ganhar o poder de controlar cavalos, e, em sua recensão, o próprio Diabo, como manifesto através de Sabatraxas, o daimon obstreperous do Sapo. Em One, a feitiçaria do Caminho Tortuoso é manifestada em sua máscara particular de 'ir contra a ordem normal das coisas'. Ao longo do rito, várias formas de transgressão e oposição ocorrem, mais visivelmente no 'Osso Apóstata à Natureza' que cavalga a corrente para trás. Este movimento reverso, transgredindo a lei do próprio riacho, incorpora a 'magia tortuosa' de Sabatraxas em virtude de sua violação da realidade.

Uma segunda apostasia ocorre com o poder de 'comandar o Diabo', uma assunção de uma estação semelhante à do mago ritual medieval. No entanto, é importante notar que dentro do contexto dos mistérios Sabatraxianos, a capacidade de comandar o Diabo não denota adoração ao diabo ou satanismo popular, mas sim a assunção de um estado além da dextralidade e sinistralidade, onde o feiticeiro é libertado dos laços da dualidade e pode acessar e controlar reinos de puro espírito. Este arcano é expresso em One pela exortação 'O Mestre do Diabo sou Eu'. A fórmula ONE, existindo subtextualmente como resultado dos parâmetros diabólicos do rito, também vela um arcano perturbador relacionado à identidade do Diabo.

A provação do sacrifício, e sua consonância com os arcanos da Gnose Cainita, encontra expressão na Lâmina de Caim, um implemento cuja morfologia e função espiritualizam totalmente o Caminho Tortuoso. Este instrumento mágico é aparentado à faca de cabo preto ou athame da bruxa e do mago cerimonial. Suas duas bordas perfuram a dualidade, rompendo o gêmeo de poderes opostos, mas para o mago que domina a lâmina, elas também concedem acesso a ambos. Como tal, a Lâmina é empunhada tanto como a arma do assassinato de Abel quanto como o bisturi curativo do cirurgião, excisando o tumor do ego profano. Esta postura dual é filosoficamente expressa pelos adeptos do Caminho Tortuoso como "andar sobre o fio da lâmina de Caim". Em contraste com as duas bordas, a ponta da faca é aliada com a Palavra, um arcano iniciático do Adytum Draconiano.

Em um nível mais diretamente relacionado à Gnose Cainita está o Mistério da Traição. O assassinato de Abel por Caim opera em três níveis diferentes, cada um em si uma fórmula de Oposição: o metafórico, o real e o iniciático. O fratricídio metafórico expõe o abate das qualidades profanas dentro de si mesmo, e ajuda a abater o profano que reside dentro do irmão. O nível de realidade diz respeito ao assassinato do corpo e à destruição da argila profana, da qual ele é feito. O terceiro assassinato, sendo ressonante com o nível do iniciático, tem dois aspectos também: Caim é Abel e Abel é Caim. Antes da iniciação, Caim é habílico, sendo a personificação do Homem Profano. Após a Iniciação, o habílico torna-se Cainita, através do ato de assassinato. O sangue de Abel é assim usado pelo primeiro assassino para lançar o primeiro Círculo.

Em sua forma mais simples, o Mistério da Traição é o Arcano do Virapele, um poder que sacrifica a Máscara Temporal da Carne aos Milhões de Formas

A Gnose Cainita

do Ser. Todas as co-relações do iniciado são assim suspensas em um estado indeterminado, onde não se conhece nem Amigo nem Inimigo, e assim tornam-se exteriorizadas como totalmente outro. Na feitiçaria popular, um exemplo do mistério do Virapele pode ser localizado dentro da magia tradicional russa, onde o Diabo entra no corpo do feiticeiro morto (koldun) pela boca, esfola-o, então consome sua carne antes de vestir sua pele.[15]

Os mistérios de Caim abrangem uma esfera adicional da Arte Mágica, a do Arcano Verde. Consistindo de agricultura, viticultura e herbalismo, suas artes são distintas daquelas preocupações pastorais de seu irmão Abel. Uma relação alquímica existe entre estes arcanos. São as folhas doces e tenras das colheitas de Caim que nutrem o rebanho de Abel, engordando sua carne e provendo seu sustento. O excremento de seu rebanho, da

mesma maneira, nutre os campos de Caim, mas antes que possa fazê-lo, seus venenos fétidos devem ser transmutados pela alquimia do sol, chuva e estações. Até que este esterco se torne um nutriente adequado para o campo, deve passar por muitos estágios de excruciação e domesticação, servindo como um banquete para a hoste enxameante. O alinhamento de Caim com o Mysterium Verdejante também o coloca em ressonância com Khidr, o 'santo verde' do Islã cujo eterno vagar fecunda a terra.

O Caminho Dividido

AS ENCRUZILHADAS permanecem como um exemplar paradoxal de 'localização mágica' sobre o Caminho Tortuoso, sendo o locus transeccionado onde uma rota singular torna-se Muitas. O efeito desta ramificação de caminhos sobre o peregrino é desorientador. De repente, em meio à procissão da trajetória pretendida, o Caminho é dividido. Com esta divaricação, as qualidades de movimento e a percepção de tempo e espaço são abertas a múltiplas possibilidades, subvertendo a linearidade do caminho direto ou reto.[16] No ato consciente de pisar nas Encruzilhadas, o feiticeiro renuncia ao Caminho singular do conhecido em favor do Caminho Múltiplo do Desconhecido.

O ato de entrar nas Encruzilhadas divide o Caminho, mas também coloca um fardo especial sobre a cristalização do intento mágico, pois o feito feiticeiro é realizado em perfeição quando se apreende a

VIA TORTUOSA

multidão de possibilidades, justas e vis, que podem ser geradas. Nesta expansão, onde múltiplos destinos de um único encantamento são rastreados na imaginação, a expansão resultante de poder clarifica o conhecimento temporal do potencial, e é então subsequentemente reabsorvida no Ponto no centro das Encruzilhadas.

Na Tradição Sabática, as Encruzilhadas são um local liminar, situado entre o estado de ancoragem da direcionalidade e lugar-nenhum. Em seu meio, um séquito de espíritos perpetuamente reside, participando de uma condição tanto ausente quanto onipresente. Na tradição consagrada pelo tempo dos deuses da estrada e do marco de fronteira, a devida reverência lhes é dada, bem como petições espirituais feitas. Não é surpresa, portanto, que entre as entidades assim invocadas nas Encruzilhadas, o Diabo desfrute de primazia. O Diabo é o grande Divisor, influenciando tanto a mulher quanto o homem contra Deus, e assim no lugar de nenhuma direção/todas as direções ele faz sua casa. Na prática Hoodoo americana, esta fórmula também se obtém, especialmente em

relação ao pacto diabólico; uma barganha é feita na moeda de dinheiro vivo — geralmente a própria alma.

Ao contrário do exemplar Hoodoo, as Encruzilhadas das Bruxas são um lugar especializado e exaltado de desvio, onde o insondável é abraçado, e o comércio com o Diabo é alcançado, aconteça o que acontecer. A relação não natural toma a forma de conversa, e uma

O Caminho Dividido

troca de bens. A venda literal da própria alma, no entanto, geralmente toma a forma de sacrifício de sangue. Isso não é exigido pelo Diabo, mas é livremente oferecido pelo feiticeiro como uma demonstração de boa fé e reconhecimento da estação do Inimigo como o senhor do Lugar. A oferenda assim dada no 'lugar do desvio' torna-se um desvio literal contra a própria vida, sacramentalizada para congressus com o infernal.[17]

Os poderes efulgentes da omnidirecionalidade servem para dividir infinitamente a apercepção do feiticeiro, em oposição ao estado normativo do ego, ressoando não apenas com a identidade do Diabo, mas também com o rito primordial da bruxa. Este é o estado hiperdirecional distorcido do Alto Sabbat, uma Grande Encruzilhada dos Vivos e Mortos.

As forças de contorção sobre a matéria e sua divisão da realidade é profundamente aparente nas convulsões do círculo das bruxas. Marcado por extremas distorções de percepção sensorial, forma corpórea, e ortodoxia religiosa, o Sabbat constitui em suma uma reordenação mágica da carne, conhecida em sua manifestação sensorial como telaestesia. Através desta modalidade, os sentidos tornam-se plásticos e podem habitar ou penetrar uns aos outros, ou ainda ser extrudados do corpo e enviados além dele em 'voo'. Sua perturbação da forma é bem conhecida para aqueles que passaram pelas

NA FEITIÇARIA do Caminho Tortuoso, a Serpente do Éden ocupa uma posição exaltada e é adorada como a fonte viva de todo conhecimento e iluminação. Única em morfologia e caráter, a Serpente é possuidora de uma atração fascinante que vincula seus adoradores totalmente ao seu fascínio. Os desenhos sobre sua pele, a qualidade hipnótica de seus olhos, o tremular de sua língua bifurcada, a ameaça de suas presas venenosas — todos esses atributos físicos contribuem para a mística de sua persona como a tentadora de Eva, e assim de toda a raça. Entre os mais antigos dos símbolos fálicos, a Serpente prefigura seu poder de seduzir, bem como inspirar medo. Ambas as características, conforme espécies e modos individuais, são venenosas; é

Veneno

O conhecimento e uso de veneno, sendo aliado ao arcano tanto da Serpente quanto do Opositor, representa uma aplicação única da Feitiçaria do Caminho Tortuoso, pois abraça uma 'virada' consciente da natureza da medicina de seu estado terapêutico para o de uma agência perigosa de dissociação e distorção sensorial. De fato, em muitos ambientes históricos, envenenamento, bruxaria e malefícios eram co-identificados.

No Sabbat medieval das Bruxas, o unguentum, ou 'unguento de voo' composto de botânicos tóxicos[18] era um agente intercessor para comunhão com espíritos. Sua composição e uso encripta algo do ethos de nosso Caminho Convoluído: sua própria natureza como um bálsamo ou unguento o alinha com medicamentos tradicionais de cura, nutrição e reabastecimento, mas sua inclusão de venenos mortais e uso para a precipitação de demonianismo estático servem para 'virar' sua natureza geralmente benevolente de cabeça para baixo. A aplicação do unguento, via corpo nu, usando os falos rituais e bastões, e a lambuzação e penetração de vários orifícios, também viola os códigos sagrados de cura,

VIA TORTUOSA

e denota uma terapêutica mais sinistra. Observado de uma postura puramente impassível e exterior, este ato de unção cerimonial pode parecer meramente como uma devassidão rústica, mas sua exação cuidadosa é tanto uma preparação ritual que requer grande habilidade, quanto um ato de devoção.

Provações de veneno servem como uma das formas mais extremas de empoderamento do Caminho Tortuoso, situadas como estão no fio da lâmina entre vida e morte. In extremis com tanto a identidade quanto a homeostase física totalmente desordenadas, o adepto é trazido à confrontação com o Outro. A sobrevivência é o primeiro indicador de prova, a reconstituição do corpo e mente o segundo, e a emergência de uma consciência empoderada, evoluída além da anterior, é o terceiro.

A Luz Herética

Dentro dos escritos da Tradição Sabática, os conceitos da Feitiçaria do Caminho Tortuoso estão presentes em todo o Lux Haeresis (2011), um tratado alegórico sobre os poderes da luz e sombra. A obra postula o poder animador da bruxaria como uma emanação luminosa distinta[19] que perpetuamente busca derrubar tudo o que penetra. Como um estado de iluminação gnóstica que divide o feiticeiro contra si mesmo, a 'luz

herética' é de fato uma agência de oposição, agindo simultaneamente como iluminadora e tenebradora. Assim,

A Serpente de Eld

é uma força cujo padrão primário é oscilação e ondulação, eles mesmos estados de — a 'tortuosidade' glifada pela forma-carne primordial da Serpente.

Através do constante estado de divisão de perspectiva e postura trazido por este poder, um estado transcendente é gerado abrangendo todos os eus mágicos. Com o Arcano da luz herética, o Caminho Tortuoso encontra sua concretização particular no ato de derrubar ou transgredir, uma qualidade ancorada dentro do ato de iluminação espiritual ou mágica, alinhada com o arcanjo primordial Lúcifer.[20] De fato, a transgressão do anjo caído prefigura a de Caim nos aspectos de desobediência e violação do divino.[21]

O Homem Negro do Sabbat

EM MUITOS RELATOS HISTÓRICOS dos julgamentos de bruxas britânicos e da Europa continental, bem como nas tradições orais de feitiçaria popular, menção é feita da figura misteriosa conhecida como 'o Homem Negro do Sabbat'. Conhecido por muitos nomes, esta entidade é ao mesmo tempo um indivíduo, um ofício e um arcano fumegante no coração do Círculo da Meia-Noite. Entre aqueles que conhecem seu conhecimento, ele é conhecido como o 'Diabo' ou 'Diabo presidente', e ele cumpre uma dupla função. Ele é tanto o líder visível do conclave das bruxas, quanto a realidade invisível do poder daquele grupo: o verdadeiro Diabo.

VIA TORTUOSA

O Homem Negro do Sabbat é entendido em termos mundanos como a emanação fálica da Divindade Sabática, incorporando os princípios masculinos de daimon, homem e besta. Melhor descrito em associação com a inquisição do século XVII das bruxas bascas, o testemunho da jovem Jeanette d'Abadie de Ciboure observou que em sua primeira visita ao Sabbat ela viu o Diabo aparecer como um homem negro e hediondo, com seis chifres na cabeça, às vezes até oito, e uma grande cauda em suas costas, com um rosto na frente e outro na parte de trás de sua cabeça, assim como o deus Janus é retratado.[22]

Esta aparência janiforme é uma cifra morfológica do Opositor, encontrando ressonância em tais conceitos de bruxaria como a língua bifurcada da Serpente, os chifres esquerdo e direito do Bode Sabático, e o eixo de traição e libertação, máscaras gêmeas de Judas Iscariotes. Às vezes o Homem Negro aparece totalmente como um macho humanoide, em outras vezes como um bode, e ainda em outras como uma mistura de ambos.

Estas vísceras atávicas combinadas são incorporadas em sua sexualidade 'tortuosa' ou desviante, um aspecto importante de seu papel e uma técnica mágica praticada há muito tempo. Especificamente como o consorte das bruxas, o Homem Negro é dotado de um falo de tamanho e forma não naturais, e

O Homem Negro do Sabbat

é tão duro quanto pedra. Por tradição, é uma fonte de desconforto, mas também de grande prazer carnal, e sempre amado pela irmandade noturna. De fato, este poder está alinhado com certas pedras-diabo pré-históricas ainda presentes em paisagens assombradas da Grã-Bretanha, Europa e América do Norte; ele emerge dentro da prática das bruxas como o Deus de Pedra, o substituto venerado para o membrum do Diabo durante certos ritos de feitiçaria sexual.[23]

Tanto um objeto de poder quanto um rito depravado, o arcano do Deus de Pedra reside dentro de uma pedra lisa, em forma de falo, seja concedida pelo design da Natureza, ou ainda esculpida de acordo com a habilidade do artesão.[24] Um objeto de pavor e fascínio, a Pedra é inicialmente despertada ou magnetizada pela sacerdotisa com uma oferenda da carne, bem como feitiços ligando a matriz eroto-procriativa feminina à corrente Lunar-daimônica. A Pedra é depois adorada pela bruxa, e recebe devoção como um consorte sexual, o poder assim gerado sendo aproveitado para feitiços eróticos, o controle de animais e magia agrícola.

VIA TORTUOSA

A cópula ritual de poder e vigor suficientes resulta em um estado onde o ego é eclipsado nos espasmos do êxtase e a bruxa atinge uma comunhão carnal 'não natural' com o Espírito através do meio da Pedra. A união alcançada torna-se um 'casamento blasfemo', mulher e Diabo unidos em matrimônio profano, uma homeostase mágica do arcano do Círculo e Ponto.[25] Assim, como uma operação de feitiçaria sexual, o praticante atinge comunhão infernal, e efetua uma subversão 'tortuosa' da sexualidade ordinária. Isso prenuncia e convoca a entidade conhecida como o Opositor.

O Homem Negro do Sabbat habita os êxtases do ritual, sonho e visão narco-estética, mas os poderes sexuais são apenas um de seu complexo de poderes. Ele é também o assombrador do passo: a sombra que cai sobre o próprio caminho mágico. Por esta razão, na Feitiçaria do Caminho Tortuoso, um análogo do Homem Negro é Caim. A base desta identificação reside em relatos mito-folclóricos de Caim como 'enegrecido', seja através de sua associação com a forja do ferreiro, a mancha escura da Marca do Exílio, ou através de

seus vínculos com Azazel, o Anjo Caído assumindo a forma do bode negro no deserto e alinhado com a ciência da metalurgia. Correspondências entre Caim e esta cor no conhecimento oculto são numerosas.[27] De acordo com uma doutrina arcana, esta negritude é a sombra de Deus, perpetuamente caída sobre a forma mortal de Caim,[28] contendo todos os poderes, espíritos e leis que a deidade expulsou de sua presença.

Sobre a Via Tortuosa, o praticante incorpora o espírito de Caim em cada momento, em cada prática. Sua identidade e mysterium inato recebem semblante de forma: o corpo do Iniciado. A reificação mágica da carne do Exilado primordial é um princípio místico especialmente pertinente devido à natureza solitária do Caminho. Não pode haver maior exemplo disso do que o estado de ser sujeito à adversidade e provação não de própria escolha, assim como Caim foi assediado durante seu próprio exílio.

Em atuação espiritual, Caim é transfigurado como o Homem Negro do Sabbat ao sacrificar repetidamente o Eu profano, emblematizado na pessoa de seu irmão menor, Abel. Isso é alcançado através de práxis mágicas incorporando um processo duplo de negação e súplica: o grande banquete da Abnegação do Cadáver. Em seu núcleo está o abate do ego, e a libertação de seu sangue como poder indiferenciado. Como um agente de transmutação mágica, este processo é perene, pois o Exílio de Caim é a vida do feiticeiro, e, como o mestre da estrada proscrita, Caim sempre estabelecerá a provação da Oposição. Ser assim oposto força o praticante a enfrentar as miríades de provações do Caminho e se preparar para a maior de todas: sua própria morte. Esta é a mais alta reificação da identidade do Homem Negro do Sabbat — e a essência de seu desaparecimento simbólico na culminação do Grande Sabbat.

É ensinado que dentro do Círculo, o Homem Negro do Sabbat é representado por uma caveira e ossos cruzados, ou como uma caveira habitando o lugar do Norte. Este antigo assento de poder é o lugar de onde a força coletiva dos espíritos deriva, descendo à terra da Estrela Polar, um corpo estelar outrora contido na constelação de Draco. Tal é a derivação primeva do poder do Homem Negro, bem como da Feitiçaria do Caminho

VIA TORTUOSA

Tortuoso: ele obtém do Dragão, a Antiga Serpente da abóbada estelar, e seu domínio feiticeiro na terra é a arena ritual do Sabbat.

Entre os adeptos do Caminho Tortuoso, diz-se que o Dragão do Céu é o ventre da vida, enquanto o Dragão ido à terra torna-se a morte inteira. Esta descida do Poder Ofidiano ao Sabbat é trazida para baixo pelo Homem Negro. Transmutado através dos corpos dos iniciados, ele desperta as correntes-serpente ressonantes tanto da sexualidade (a vertente vermelha) quanto da morte (a vertente negra) dentro do corpóreo. Sua gnose contínua com cada passo do caminho é o poder de utilizar a força da própria mortalidade — tanto na exaltação do corpo quanto em sua destruição final — para alimentar a prática feiticeira e a realização mágica. Esta é a Provação do Homem-de-Negro: ele deve enfrentar o Dragão, sua própria morte, a cada curva, e roubar dele a força que alimenta sua vida e feitos.

Egregoroi

Os caminhos convoluídos do Caminho Tortuoso participam em uma interminável co-mistura de poderes, formas e caminhos. Dentro desta ménagerie, talvez o exemplo mais impressionante seja o do egrégor. No parlance esotérico contemporâneo, a palavra meramente sugere a efígie resultante ou foco icônico de uma mente grupal, mas encontra sua derivação etimológica no grego egregoroi, significando 'vigia' ou 'aqueles que estão despertos'. No antigo

O Homem Negro do Sabbat

Livro Eslavo de Enoque, estas entidades praeternaturais eram conhecidas como os 'Grigori', renomados por aparecerem para fêmeas humanas na forma de homens. Dentro deste mistério reside um discernimento de por que mulheres humanas se acasalariam com anjos caídos em primeiro lugar: eles apareciam com atributos humanos atraentes e sedutores.

No Segundo Livro de Enoque, os Egregoroi eram liderados por um anjo chamado Satanail, mas este nome em outros textos apócrifos era Azazel — uma figura conhecida por muitos povos e seitas religiosas diferentes. Para os antigos hebreus, era o nome do bode expiatório exilado no deserto levando embora seus pecados. Para os gnósticos, Azazel era um dos vários nomes para o líder do séquito de anjos caídos. No conhecimento oculto dos ciganos, era o nome do Homem-de-Negro, o velho bode

grisalho ele mesmo: o Diabo. Na bússola dupla-ourobórica do Arcano Draconiano, seu nome é Azhazal, Pai-Bode do quadrante Sul do círculo, incorporação da Pedra-Lumen, e o progenitor angélico de todos os feiticeiros. Azhazal também incorpora o Pacto do Primeiro e do Último; todos os que participam do Sacramento Sabático são dele, assim da alma gêmea surge o Egrégor Sabático, conhecido em uma recensão como Ozzhazel. 30

VIA TORTUOSA

Na rubrica de sua invocação, a invocação de Ozzhazel tem uma função dupla: o praticante torna-se o Azoth, ou Quintessência através de sua exação, e semeia o círculo com as essências dos Pais-Bode, e os númenos do Sangue Sábio. É assim um rito generativo que encarna o poder coletivo do covine das bruxas, composto de uma tétrade de Pais-Bode: Ozzhazel é descrito desta maneira:

> Ó tu Egrégor metamórfico, tu Salvador-Bode abortado Dentro de teus Olhos Ardentes habitam os Irmãos: Azha-Caim, um estilo negro na esquerda e Habil-Zhaeva, Uma mota vermelha na direita. E lá também, como se por trás de uma máscara aparente, o traidor Judas e o Duas-Vezes-Santificado Jesus Cristo.

Ozzhazel, encarnado via sacrifício, torna-se o egrégor do covine que o invoca e o alimenta. Nesta coletividade pertence o atavismo original da fé dual, pois os Egregoroi, os anjos caídos cujos olhos nunca se fecharam, tornaram-se um em propósito uma vez que desceram à terra.

Os Horizontes Dispersos da Nova Carne

NO CORAÇÃO do Sabbat das Bruxas está o Adytum da Gnose Sexual, pulsando com elixires criadores de deuses, empoderando cada prática e crença dentro de seus covines. Junto com o Banquete da Morte, é o aparato primordial que impulsiona o poder, revelação e evolução espiritual do adepto do Caminho Tortuoso. Uma efusão da fonte corpórea, esta força sexual progera a Sexualidade da Nova Carne.

Como em muitas esferas do potencial humano onde tremendo poder espiritual está presente mas não expresso, a sexualidade é cercada por ignorância e tabu. A heresia do Sabbat em parte consiste na contorção do impulso sexual, desviado da procriação mundana e prazer para servir às diversas

construtos de magia e revelação espiritual. Esta reorientação focal é um retorno ao estado da Virgem Sabática, e ao grande Arrebatamento do Espírito que precipita a ruptura temporal e reordenação do Eu Etérico. Como um estado Zeroth indiferenciado da evolução mágica do buscador, todos os céus e infernos tornam-se acessíveis via carne. Este vastamente expandido 'jardim' de identidades eroto-mágicas é conhecido no parlance da Corrente Sabática como o 'banquete das sexualidades', uma metáfora que adequadamente reveste seu ardor, grandeza e perigo.

Estes potenciais são sugeridos na grotesqueria sexual da iconografia de bruxaria medieval tardia e início da moderna. Aqui contempla-se a interpenetração da carne e espírito nas cifras visuais libidinosas de demônios, súcubos, bestas, plantas fantasmagóricas, deuses e objetos mundanos transformados em entidade animada, prometendo todo horror e deleite sensual. Embora tais imagens sejam em certo sentido projeções exageradas da imaginação, elas adequadamente glifam os mistérios menores do Sabbat, em particular sua incepção de sinestesia, e a perturbação ou suspensão da identidade.

As forças desviantes de Oposição e Inversão, essenciais à pericórese escura dos ritos das Lâmias, epitomizam a utilização do Caminho Tortuoso da força sexual, liberando sua ação para poder ilimitado.

VIA TORTUOSA

Atuada pelo sacrifício do corpo vivo, orgasmo, e as oferendas sexuais de semente masculina e feminina, esta práxis gradualmente eleva um andaime etérico — a arquitetura elemental de sustento êntico, possessão e manifestação. Estas usurpações da sexualidade mundana servem à função Cainita de múltiplos assassinatos cometidos contra o Eu, em nome da autossuperação, despertando assim o Corpo Ressuscitado. Embora lhes sejam negados papéis mundanos no domínio da procriação biológica, estes Elixires da Vida mantêm seus momentos germinais essenciais, e são intencionalmente extraídos para o Banquete-Circular das Bruxas, tomando em vez disso a rota tortuosa do encantamento em direção à formação de entidade espiritual consciente.

Transgressão das Sexualidades de Argila

No continuum Sabático, um tal estado mágico 'tortuoso' é o da nudez, que transgride tanto os atributos atribuídos aos genii sexuais; principais entre estes estão dominância, usurpação corpórea e predação — a extração forçada de fluidos vitais de suas vítimas.

Através desta lente, eles foram assim primariamente vistos como vampíricos, com descrições de seus feitos abomináveis impregnadas de indignação moral.

Além das horrendas manifestações externas que compõem suas conchas mundanas, íncubo e súcubo compreendem os véus glíficos da práxis mágico-sexual. Estas entidades, embora inerentemente perigosas, são consideradas no Cultus Sabático como guias tutelares e companheiros sexuais. Na gnose Azoética, os genii sexuais povoam o domínio mágico da Nona Célula, e são relacionados ao Caminho Tortuoso como os genii encarnados da heresia sexual. A natureza desta 'heresia' reside em sua oposição à carnalidade mundana, sendo a hipóstase do outro sexual, em contraste com as projeções pueris da mente mundana, não-mágica sobre estas entidades. Como obtendo dentro do Aat da Décima e Vigésima Primeira Letras Sagradas, a essência do Daimon Sexual e seu congresso é a transmutação do corpo feiticeiro através da assimilação do Alienígena.[31]

A palavra íncubo significa 'viver sobre', ou 'deitar-se em cima'. Esta apelação significa um papel puramente dominante no qual o íncubo restringe o corpo da vítima

Os Horizontes Dispersos da Nova Carne

prendendo-o ou prendendo-a, excitando-os forçosamente até o orgasmo, cuja emissão nectárea é então roubada, seja na boca ou reabsorvida no falo da criatura.

Dentro do contexto fantasmático do Sabbat das Bruxas, isso gera diversas fórmulas mágicas do Caminho Tortuoso, como a retenção da semente do feiticeiro masculino na conjuração imaginal tanto de íncubos quanto de súcubos. A semente não é emitida, mas lançada adiante no canal central do adepto e ali usada para 'adorar' a imagem do Amado. Isso desperta a imagem para a vida, instaurando-a como um vaso para o conjurado genii sexual subsequentemente engordar, dispensando sua força ao praticante.

Para iniciadas femininas, a fórmula é invertida, e são elas que tomam a semente, ou numina do genii diretamente em seus corpos. O mesmo se aplica ao súcubo, cujo nome significa 'deitar-se embaixo'. Na superfície, isso parece ser um papel passivo, mas o exato oposto é verdadeiro: o súcubo rouba a semente de sua vítima ativamente; ela os cavalga de cima, ou permite que a vítima a cavalgue por baixo. Esta fórmula obtém em todas as feitiçarias sexuais executadas por praticantes do Caminho Tortuoso, e dentro da Tradição Sabática sua práxis pode assumir formas tanto físicas quanto etéricas. Em sua forma mágica ativa, esta prática é conhecida como o 'Roubo do Cinto'. Seu princípio essencial pode ser localizado historicamente na antiga magia pagã onde o sêmen era roubado por mulheres, então usado para encantos mágicos

para comandar tanto amor quanto ódio.[32] Embora tais encantos não estejam diretamente relacionados à fenomenologia do súcubo, a dinâmica mágica essencial é a mesma: uma usurpação da vitalidade sexual, por meios feiticeiros, assim empoderando e redirecionando sua força para intenções além daquelas do emanante-hospedeiro. Princípios semelhantes animam a Eucaristia roubada ou profanada, uma característica perene da bruxaria e magia malevolente, e um rito de transgressão/inversão contendo rudimentos essenciais da Feitiçaria do Caminho Tortuoso.

Genii sexuais são a progênie das Mães-Bruxas, o séquito antigo do Feminino Daimônico, e assim são tutelares por natureza. Congresso etérico com eles via as Fórmulas do Sabbat é um pacto sagrado, através do qual eles são alimentados com os fluidos vivos dos fiéis em um sistema de circulatio gnóstica, protótipo do pacto original. Práticas devocionais deste Arcano são caracterizadas por recursão contínua de símbolo, postura, meditação, visualização e ícones, muitas vezes de natureza grotesca ou abominável. Através de linhagens transgressivas de conduta sexual, um reservatório astral psico-sexual de poder é gerado e aproveitado; as exudações mágicas resultantes servem para revivificar os corpos físico e etérico do praticante. No mais alto nível de

ação, tais ritos são iniciados para alcançar saúde, longevidade e perpetuidade do espírito, mas sua natureza é involuta, e seu uso mágico requer disciplina tanto mental quanto física.

O genius sexual preeminente é Lilith, um espírito que veio a ser associado com magia malevolente em geral, e, mais tarde, uma matrona das bruxas. Governando os vastos arcanos da sexualidade mágica do Caminho Tortuoso, Lilith comanda numerosas fórmulas inversas de magia sexual, como a miscigenação de raças híbridas humano-demoníacas a partir de sêmen furtado. Este exemplo particular origina-se no conhecimento místico, e tem aplicações simbólicas na Feitiçaria do Caminho Tortuoso, pois representa uma adaptação transgressiva da corrente sexual feminina para a geração e perpetuação do poder.

O próprio nome Lilith é de origem emaranhada, serpenteando como uma serpente através do tempo, cultura e consciência mágica. Encontra suas origens no Sumério-Acadiano Lilitu e Ardat Lili, que eram as consortes femininas do demônio masculino, Lil, na demonologia Suméria.[33] Estas entidades eram aladas e com presas. Um precursor

importante foi a Acadiana Lamashtu, que os Gregos conheciam como Lâmia, as sedutoras com corpo de serpente e comedoras de carne reviliadas. Mais tarde, no Talmud, Lilith aparece como uma demonesa com asas. Esta configuração mórfica continua no texto do século 8 EC, O

VIA TORTUOSA

Alfabeto de Ben Sira, onde Lilith é revelada como uma monstro roubadora e estranguladora de crianças que perpetra seus crimes como vingança contra Yahweh pelo assassinato de cem de seus filhos por dia.

Nos relatos mais antigos, dos Babilônios e Mandeus, estes demônios sexuais eram coletivamente chamados lilitu, e na Epopeia de Gilgamesh, ki-sikil- lil-la-ke, significando serpente, coruja, árvore e espírito. Em tigelas de encantamento Mandaicas, os lilitu eram descritos como compreendendo as raízes e galhos de uma árvore sagrada cujo tronco era uma poderosa serpente. Em Sumério, Li e Lilitu significam 'ar-noturno' e a deusa lunar do Vento Sul, a esposa de Enlil. Lilitu tornou-se a deusa/demonesa singular, Lilith, na mitologia Semítica. No Aramaico, Lilith indica tanto uma coruja quanto uma bela donzela, antecessores paradigmáticos essenciais da bruxa.

No Zohar, quatro Rainhas demônios são mencionadas, todas sendo as esposas ou consortes de Samael: Lilith, Mahalath, Agrat e Naamah. Mahalath significa doença; Agrat era uma filha de Mahalath, e Naamah era a irmã agradável de Tubal-Caim, que levou Aza e Azael (os espíritos lunares de Yesod e Hod, respectivamente) ao desvio. Estas rainhas demônios procriaram com humanos e geraram cambion, uma palavra que alguns pensam derivar da raiz Celta antiga, kamb, significando 'tortuoso'. Na Arábia pré-Islâmica, os lilitu eram conhecidos como os qarinah, demônios noturnos que provocavam emissões noturnas em suas vítimas, e roubavam a resultante

Os Horizontes Dispersos da Nova Carne

semente e eflúvios para procriar o híbrido gara, também conhecido como os Jili para os Hebreus.

Em períodos medievais posteriores e Renascença, estes lilitu tornaram-se conhecidos como os infames íncubos (demônios masculinos) e súcubos (demônios femininos), que predavam sobre os fiéis e os apóstatas igualmente durante o sono. A palavra súcubo deriva tanto do Latim succuba, 'amante', quanto de succubare, 'deitar-se embaixo'. Os súcubos eram notoriamente malignos e travessos, e conhecidos por recuperar esperma

de criminosos recentemente enforcados para a inseminação mágica de prostitutas e freiras. Se crianças assim concebidas fossem infelizes o suficiente para nascer, elas eram imediatamente arrebatadas pelos súcubos e sem cerimônia devoradas. Destes parasitas noturnos, o notável médico e alquimista da Renascença Paracelso afirmou que

> ...estas larvas astrais, íncubos e súcubos, que são formados na imaginação nascem de Amore Haeress, que significa o tipo de amor pelo qual um homem imagina uma mulher, ou vice-versa, a fim de copular com a imagem criada dentro da esfera de sua imaginação.[34]

Na Feitiçaria do Caminho Tortuoso, este Amore Haeress é um dos ensinamentos fundamentais concernentes aos ritos e conhecimento da gnose sexual inveterada. Emergindo da Gnose Sabática como atendentes luminosos sobre a Nova

Carne, as Mães-Bruxas são emanações da Rainha do Sabbat, assumindo suas formas emanadas. Cada uma, em sua própria maneira, comanda um séquito específico de poderes exemplificando aspectos da Feitiçaria do Caminho Tortuoso.

Liliya-Devala é a hipóstase Dracônica de Lilith. Ela é a Rainha-Espinho ocupando o Quadrante Norte do Círculo, ao lado de Seu contraparte masculino, Azha-Cain. Ela é a Soberana Mãe- Sangue do Cultus Sabático inteiro, e é de Seu ventre fecundo que seus iniciados emanam. Liliya é primeiro invocada antes de qualquer operação mágica envolvendo daimones sexuais e intercessores, pois todos eles obtêm da presença de Seu plasma astral. Disfarçada em uma plétora de adereços rituais horrendos tirados das representações profanas dos inquisidores de bruxaria, Ela posa como a personificação de toda iniquidade; congresso sexual com suas filhas é assim uma das formas mais potentes de ensinamentos rituais dentro da Corrente Sabática como um todo. Estes ensinamentos derrubam todas as 'normas' aceitas de gnose e prática sexual, e usam diversas formas de carnalidade extrapolada.

Rahab é a hipóstase Dracônica da antiga Rainha-Demônio Rahabiel. Ela é a Primogênita de Liliya, e a Senhora do Quadrante Sul do Círculo, ao lado de Seu contraparte masculino, Azhazael. Caracterizada como a Mãe dos Escorpiões, na Tradição Sabática ela ensina a transformação do corpo através de veneno e doença.[35] Congresso com Ela é

frequentemente acompanhado por febres altas e inchaços desagradáveis da carne, servindo como o conduto para Sua sabedoria fluir diretamente para o corpo do feiticeiro. Este meio de ingresso quase-patológico permite uma saturação completa de conhecimento dentro dos órgãos físicos, astrais e etéricos. Nas câmaras de carnalidade sagrada, Rahab preside como a Imago Sabbati, um eidolon vivo de voo metamórfico. Ela é a Caçadora de Almas e a Adoecedora de Bebês, tornando todas as vítimas de seus glamours fatais. Ela é a Mãe da Miragem, e quando encarnada habita em todos os desertos da terra, naturais e feitos pelo homem. Assim, alguém a encontra em favelas urbanas, e em lugares abandonados pela humanidade e devolvidos aos elementos. Ela é uma filha da Lua, e a rosa de seu sexo contém suas muitas mansões.

Agrath é a hipóstase Dracônica de Agrat. Como a filha de Rahab, ela é a Demonesa do Terror habitando no Quadrante Oeste do Círculo, junto com Seu contraparte masculino, Azhael. Ela é alternadamente representada como uma bruxa enrugada e uma donzela de pele pálida. Ela é a Mãe Velada, perpetuamente em lágrimas, embora Suas lágrimas sejam de êxtase e alegria. Ela é a luxúria de todos os vivos e mortos, e congresso sexual com Ela resulta em alguém se tornando Seu amante através de todo o tempo, em cada encarnação. Como a Mãe dos Ossos, ela é a guardiã dos Ossos Sábios das Eras, repositório do conhecimento ancestral terreno de arcanos sexuais e os mistérios da geração — carne e espírito que Ela dispensa como Ela deseja. Ela não pode ser invocada, apenas adorada com sangue e osso. Todos os fetiches são os Seus caminhos, e é a Arte do Fetch que Ela concede aos de sangue-sábio. Para aqueles que a servem, Ela concede a 'última chance': o influxo de força e poder para perseverar através de toda adversidade nos assuntos do coração. Um tipo de magia Tortuosa pertencente a Agrath é o glamour-Bruxa, a habilidade de distorcer a vitalidade da Carne para assumir formas tanto nubis quanto enrugadas, uma prática que, quando aperfeiçoada, depende tanto da infusão astral do corpo sexual quanto do sensório do observador.

Na'amah é a hipóstase Dracônica da bíblica Naamah. Ela é a Tecelã do Destino e a demonesa de garras-de-gato da dança sagrada. Habitando no Quadrante Leste do Círculo, ela fica ao lado de Seu contraparte masculino, Zhamael. Na'amah é a irmã e amante de Tubal-Caim, a filha de Agrath, e dentro dos

Os Horizontes Dispersos da Nova Carne

arcanos do Caminho Tortuoso narra o destino de todos aqueles jurados ao Dragão de Eld. Em Sua própria história, ela sussurra o conhecimento de toda astúcia e ação para os

Filhos de Caim, e os move entre Seus dedos como um berço de gato, sempre mudando design e augúrio através das Eras. Petição é dada a Na'amah apenas através dos puros de coração, pois Ela é volúvel — ou aparentemente assim — em Seus ministérios de amor. Sua é a Imagem da Amada através de todos os tempos e mundos; Impérios ascendem e desmoronam ao Seu decreto. Seu é o conhecimento dado apenas dentro do Círculo de Arte e o Alto Sabbat das Eras. Seu é também o conhecimento dos amantes — que todos servem como Seus veículos. Ela é assim o Leito Sagrado e a Orgia feita carne.

A transgressão das sexualidades ordinárias dentro da rubrica do Cultus Sabático dá origem a uma mudança perceptual nos sensórios do praticante através da qual o corpo é re-encarnado como o terreno- carnal do próprio Éden Primordial. Uma vez que este processo de gnose sexual é encenado, ele gera um 'loop' procriativo, generativo e energético dentro da Nova Carne. Alguém assim se torna Azha-Caim como herdeiro e ancestral do Caminho Tortuoso inteiro. Como com as sexualidades ordinárias, a Ressurreição da Nova Carne em sua totalidade manifesta só pode ser alcançada via as ministrações diligentes do consorte escolhido e purificado. Na'amah é assim o repositório das mães-bruxas e o corpo que elas utilizam para encarnar a gnose do Caminho Tortuoso.

Sabedoria Exílica

'E A PELE DE CAIM era escura, mas brilhava como com o brilho das estrelas no céu'. Assim foi o primeiro assassino de homem descrito no Livro Etíope de Adão e Eva, considerado um texto apócrifo por estudiosos de estudos religiosos e por ditadores do cânone bíblico aceito. O descritor é apto, pois o original Grego apokalypsis significa 'revelado' ou 'revelação'. O que ele revela, embora seja uma divulgação escondida à vista, é menção da 'marca' original de Caim, pois ele nasceu com pele que era radiante ou coberta de estrelas — uma noctilucência análoga à 'luz escura' Sufi. Isso aponta para sua herança inumana — e estelar.

Sabedoria Exílica

A herança estelar revela seu patronato, o anjo-demônio conhecido como Samael. É também a marca que o diferencia de seu irmão humano, Abel, e uma que pressagia o eventual banimento 'divino' do Jardim do Paraíso. Desta forma, a marca foi pré-destinada, pois o sinal sobre sua própria pele serviu para protegê-lo em seu exílio. Como foi escrito em Gênesis, 'Qualquer um que o prejudicar, vingança será tomada sobre eles sete vezes. E o Senhor colocou uma marca sobre Caim'.

A Marca de Caim foi interpretada de várias formas ao longo de milênios, em livros aceitos, e também em apócrifos.[36] Tradições relativas à sua natureza têm incluído uma marca de sangue, um chifre, uma letra sagrada marcada em sua testa, e uma assinatura espiritual atendendo ao seu corpo sutil. Dentro dos ensinamentos da Feitiçaria do Caminho Tortuoso, a Marca é reconhecida como a 'centelha' primordial pré-existente dentro do próprio sangue dos Sábios, os Antigos, um sinal invisível para todos, exceto aqueles que o possuem.

Após o assassinato de Abel, Caim foi castigado por o Senhor, que colocou uma marca sobre ele que fez com que todos que o encontrassem 'tomassem cuidado' e o deixassem passar. A marca funcionava como um selo de proteção, pois qualquer um que pudesse prejudicar Caim seria ele mesmo punido 'sete vezes'. Caim foi exilado para o leste do Éden; lá

VIA TORTUOSA

ele começou sua longa peregrinação por todas as terras da terra. O leste é de especial importância, já que para o oeste fica o Grande Mar, e as Terras dos Antepassados; o norte é o reino do Polo e a região das Estrelas Que Nunca Se Põem, e o sul é o Desconhecido. No leste fica o amanhecer perpétuo: é por isso que em algumas seitas Gnósticas, Caim foi comparado ao Sol. Foi para o leste que Caim e sua descendência se mudaram, lá propagando a Semente do Fogo de Bruxa através das gerações. De acordo com este relato, sua linhagem se misturou com quase todas as outras raças do planeta — que é por que Nossa Feitiçaria tem sido praticada em muitas terras, e por muitos povos.

O Exílio de Caim foi assim um meio para o Senhor testar Caim, para garantir que sua linhagem sobreviveria e testar os próprios Fiéis, por sua própria existência, muito da mesma maneira que os satans fizeram para Alá. O exílio de Caim é também uma metáfora da Estrada Solitária percorrida por todos os praticantes do Caminho Tortuoso — a prática e revelação da feitiçaria ascética. Ainda assim, é algo muito mais real do que isso, pois oculta uma rubrica ritual de provação através da qual todos os candidatos e iniciados são continuamente testados.

O Passo

Exílio, sendo uma remoção forçada ou expulsão da própria terra natal, contém elementos distintos relevantes para a gnose da Via Tortuosa. O Caminho do Exílio é o

Sabedoria Exílica

criado pelo Passo — não por palavra, nem por teorização, mas conforme é caminhado. A privação do Exílio nasce do abandono da familiaridade, e um estado de absoluta extração do conhecido; o único poder em tal estado deriva da propriedade consciente da própria atualidade temporal, e movimento para frente para reivindicá-lo. Assim surge a Gnose do Passo, que prefigura três Caminhos essenciais — o da Imediação, Intenção e Criação.

O Caminho da Imediação

A Tocha Flamejante é um símbolo antigo da gnose imortal de Caim. Tem analogias com o fogo celestial roubado de Prometeu, e a tocha erguida sobre a coroa de Baphomet, o Andrógino Hermético. Em nossa Feitiçaria, ela ilumina o Caminho da Imediação. Este caminho é definido como realização e manifestação dentro do momento presente. Paradoxalmente, é também aquele que obtém atemporalmente. O Feiticeiro assim habita no crux do tempo onde nem passado nem futuro, nem mesmo o momento presente (que está sempre em movimento para longe do passado e para o futuro) exerce qualquer influência. É o eterno momento envenenado, o instante quando gnose e a prática que a engendrou são um. Como a serpente Ouroboros, que perfeitamente o emblematiza, esta fração de tempo e espaço é infundida com um poder tanto extrínseco quanto autogerado, dando origem a uma

Espíritos do Exílio

A arte da conjuração de espíritos é tão antiga quanto a humanidade, desde as primeiras incursões espirituais xamânicas até a teurgia mágica renascentista e a bruxaria e magia cerimonial modernas. A Arte da Invocação, como obtida dentro da Feitiçaria do Caminho Tortuoso, partilha elementos de seus predecessores, mas as diferenças superam largamente as ressonâncias. Não são meramente espíritos que são invocados e constrangidos, mas também o próprio praticante, via autocontrole e negação. A arte de conjurar espíritos em nossa Feitiçaria é, portanto, uma de comunhão: é um banquete e um compartilhamento.

A Feitiçaria do Caminho Tortuoso se estende em parte da interação com os espíritos únicos que habitam o Lugar do Exílio. A natureza deste lugar, em consonância com a narrativa da primeira transgressão, é vazia de humanidade, adversa em caráter, e situada bem longe das terras cultivadas e cidades dos profanos. Assim, tem seu próprio séquito de daimon e wight, emanante em sua 'localização' nativa. Além do séquito que compreende a terra devastada, por assim dizer, é a passagem através dela, em ato e

reflexão, que gera aquele corpo especializado de arcanos do Caminho Tortuoso conhecido por seus irmãos como Sabedoria Exílica.

O Feiticeiro vê todas as coisas, especialmente a terra, pedras, árvores e riachos, como imbuídos com um espírito ou coletivo de espíritos. Por reconhecimento e respeito por estes 'claustros espirituais', eles são adjurados, pedidos

Sabedoria Exílica

permissão para habitar, e propiciados. Isso é feito com o conhecimento de que os assombradores do Lugar do Exílio são reservatórios de poder cúltico e pulsam com númen acumulado, seja benéfico ou maléfico.

Aqui, então, primeiro e acima de tudo, reside um ethos do Caminho de Caim: seu vagar sendo um com a Arte feiticeira. Esta relação, conhecida na Tradição Sabática como 'A Fé Sob os Calcanhares do Andarilho',[37] é mútua e baseada em, se não amor, então genuína honra e respeito. Aqui também uma divisão nítida de intenção e identidade é expressa entre crença mágica 'cerimonial' e conhecimento feiticeiro 'do campo'. Magia cerimonial — goética, angélica, demoníaca, etc. — postula que espíritos são invocados e comunicados a partir da suposta 'segurança' de um círculo mágico enquanto eles são compelidos a aparecer em um 'triângulo de arte' constrangedor (dando três avenidas de escape), ou então dentro de uma esfera de cristal ou armadilha de espírito. A relação Salomônica é exclusiva; espíritos são vistos como perigosos, até mesmo não confiáveis, e assim devem ser constrangidos. O contraste com o congresso espiritual da Via Tortuosa não poderia ser mais severo, nem totalmente ridículo.

Do ponto de vista do caminho sempre desviante, o poder espiritual permeia, em todos os tempos e lugares, em qualidades e concentrações variadas. Cada momento no tempo, portanto, é potencialmente enfeitiçado via Vontade,

VIA TORTUOSA

Desejo e Crença. O ponto quente mágico do ritual e encantamento — seja um grande rito de um complexo séquito espiritual ou um simples feitiço para cura — serve para reunir e concentrar estas forças, como em um alambique alquímico, e nos melhores casos, prover um meio para manifestação e a comunhão mútua de poder. Assim, o conceito de 'banimento' na conclusão de um rito é virtualmente desconhecido, a menos que o trabalho seja especificamente relacionado com expulsão forçada de doença, intrusão, ou malefícios.[38]

Familiares

Uma provação essencial do Exílio é a remotidão, e isolamento de seus semelhantes, sejam amigos ou inimigos. Este caráter do deserto apresenta não apenas isolamento e privação, mas uma exposição a uma lei diferente, a ordem do Outro. Dentro deste contexto de deserto surge a emanação do Familiar — a besta indomável que, pela agência do pacto não natural, torna-se aliada ao praticante, para poder e companhia.

O nome 'familiar' instantaneamente conota domesticidade. No entanto, no contexto da narrativa popular, o familiar, antes de sua relação com uma bruxa, é de fato uma besta selvagem, ou então um demônio em disfarce carnal. Qualquer identidade

Sabedoria Exílica

propõe uma espécie de selvageria. Mesmo quando o animal escolhe habitar como um espírito familiar para o praticante, permanece uma indocilidade inata em seu caráter.

Quanto a companheiros, não há melhor do que o animal que, por sua própria vontade, torna-se o 'familiar' de alguém. Exemplos de tais bestas abundam nos registros dos julgamentos de bruxas, especialmente aqueles da Escócia e da região Basca. A maneira tradicional pela qual se obtém um espírito ou animal familiar na Feitiçaria do Caminho Tortuoso é similar em natureza a estes relatos. Primeiro, deve-se ter um sonho sobre o animal em questão. Isto, no entanto, é apenas um passo preliminar. Deve-se pretender que o animal retorne em pelo menos dois sonhos adicionais, e engajar-se com ele de alguma forma significativa, seja uma conversa ou uma jornada mútua. Melhor ainda se o animal mostrar algo de importância, como um lugar ou objeto de poder. Estes são os sinais de rapport, e devem ser testemunhados para prosseguir por respeito ao espírito. Constrangimento na questão de familiares animais é de mutualidade, se existir, e discernimento deve ser demonstrado pelo feiticeiro a cada passo. Na esteira destes oneiria, toma-se então a terra esperando pela aparição do animal em questão. Se for abençoado com um encontro físico, deve-se magicamente suplicar pelo poder daquele animal. Se a besta responder positivamente, ela pode comunicar sua intenção diretamente em sonho.

VIA TORTUOSA

Uma vez estabelecido, e se o feiticeiro estiver assim inclinado, ele ou ela pode escolher adotar um exemplar físico do animal familiar em questão, após o qual um pacto adicional é requerido. Em um momento auspicioso, uma ação de graças é dada à carga

bestial, após a qual é vinculada em pacto pela conferência do lumen — a comunhão de sangue, dada no rito de unção. Este ato é um sinal do mais antigo dos pactos diabólicos, o 'Pacto de Sangue'. É uma união que traça sua hereditariedade espiritual até a coniunctio primordial de Caim e Lilith, pois remonta à Queda dos Vigilantes, e à co-mistura original de Espírito e Carne. Esta vinculação de feiticeiro e Familiar se estende pelo curso natural de suas vidas, e é uma das muitas formas do Sonho do Amado, transcarnativa em natureza, eterna em expressão.

Todos os famuli vinculados derivam ultimamente do primordial Cavalo Eokharnast, que Caim domou ao sair do Éden. Esta domesticação ocorreu no Exílio, e transformou completamente o movimento e a relação com a terra, expedindo sua travessia pelos Campos da Terra. O Familiar é, portanto, um fenômeno encarnado da Sabedoria Exílica, sendo o Santo Companheiro de Arte emergente do deserto.

Por fim, espíritos são a substância do séquito e convidados que habitam na Mesa da Meia-Noite, no Fim dos Dias, e nos caramanchões de Elphame. Todos aqueles em pacto com Caim e com os Fae encontram sua recompensa na Mesa da Meia-Noite na vida que está além da vida.

Sabedoria Exílica

A Morte não habita na Mesa, exceto por uma única cadeira vazia, em memória dos vivos ainda não em atendimento no Banquete Supernal das Eras. Assim é a recompensa dos Fiéis na passagem final.

O Eremitério Escuro

O Exílio de Caim encontra seu corolário ascético no Eremitério Escuro, uma prática especialmente apropriada às estações do Caminho Tortuoso. O Eremitério se manifesta em isolamento ritual sustentado, longe de todos os confortos físicos e rotinas. É geralmente praticado à noite, ou por uma duração definida de noites, com um foco meditativo singular. Empreendido nu, amarrado, encapuzado, enclausurado, ou por meio de alguma outra maneira de privação física, o Eremitério serve como uma forma de desencarnação mágica, não apenas como um simulacro do Exílio de Caim, mas também como sua desarticulação ritual do cadáver de Abel. O Eremitério Escuro é, portanto, um meio para atuar os espectros exílicos da Gnose Cainita, e uma apreensão de Caim como Primeiro Feiticeiro e Pai da Linhagem de Sangue da Bruxaria. É o mistério do Dia e da Noite, do Oeste (crepúsculo) e do Leste (aurora), e contém o Arcanorum de Nossa Fé Tortuosa.

O Eremitério Escuro encontra exemplares rituais em muitas fés, mais notavelmente a reclusão imposta dos monges Cristãos e místicos Sufis. O 'Retiro Escuro' do Yungdrung Bon leva 49 noites para realizar, durante as quais se entrega voluntariamente a própria carne, sangue e mente aos demônios, e assim alimentando-os atinge um estado não-dual de consciência:

VIA TORTUOSA

> a prática principal não é visualização, a transformação da visão kármica impura em visão pura como é feito na sadhana Tântrica, mas simplesmente a prática da visão como tal.[39]

Embora esta declaração referencie uma espécie de metodologia e ensinamento Bon de Luz Clara Dzogchen, seu coração — buscando visão, ou permitindo que a visão surja por si só para confrontar o Outro — pertence à vagaria essencial de nosso Eremitério. Se um estado de comunhão espiritual única é atingido, é tanto precioso quanto privado em natureza, o iniciado tendo sido despojado além de um estado de nudez mundana para expor o esqueleto, e aquilo que jaz além dele. Indubitavelmente antigo, a prática tem seus antecedentes na experiência xamânica primitiva de miríades de culturas pré-históricas, mais notavelmente na Mongólia e Tibete.

Na prática mágica popular, tal Eremitério ocorre no Ritual do Osso de Sapo de East Anglia, onde o feiticeiro deve confrontar o Diabo e prevalecer se quiser reter o poder do talismã ósseo. A natureza das provações varia, mas são unidas em sua origem — a mão oculta do Iniciador. Como com o Retiro Escuro do Bon, um abate, esfolamento e dispersão do corpo está presente dentro deste rito — o corpo do Sapo cujo corpus é lançado aos elementos e devastado,

Sabedoria Exílica

para assim ressuscitar em uma forma mais poderosa. Uma característica central destas práticas austeras é o eclipse forçado do familiar pelo não familiar.

A sensação de familiaridade sempre acompanha o humano e é caracterizada pelo socorro que proporciona. Isto é um lineamento muito mamífero, e um possuído de muitos méritos, em seu próprio direito e domínio de segurança emocional: pois o que é familiar é confortável, ou certamente torna-se assim após um tempo. O não familiar, por contraste, carrega uma carga atávica do intrusivo alienígena, de inimigos e ameaça,

alcançando no tempo para além do Protoplasto até os próprios rudimentos de nossa primordialidade.

Alteridade — o alienado desconhecido, é tudo o que não é de nós mesmos. Alteridade é aquilo que desafia — e ultimamente destrói — a identidade, assim nos dando a força para derrubar seu domínio sobre nós, e para libertar o que permanece a fim de direcionar o poder mais eficientemente. É a derrubada de nós mesmos que nos traz face a face com aquilo que não somos. E aquilo que não somos usa muitas máscaras, atrás das quais não há nada, portanto pura potencialidade. Pois a luz da aurora não brilha até que a hora mais escura finalmente chegue, e olhos mortais tenham contemplado a abominação do monstruoso-emanante. O tempo do escurecimento mais intenso é também o cadinho mais feroz de teste, semelhante ao Jardim da Agonia, um Getsêmani da Bruxa.

Adversus

Para casar as estrelas acima à terra, Para atender ao Conselho da Máscara. Para passar além do portão sem palavras, Para abater a carne e erguer o cadáver, Para servir a Mão Retrógrada do Destino. Para Romper o Caminho para a Estrada da Eternidade, Toda carne testar, toda carne incitar. Para louvar dentro da Roda As boas esposas do solo não consagrado, Ali para abraçar a Carne Além, Ali para abençoar nosso Vínculo Maldito. Para passar quatro caminhos e quatro entre, Para fazer de novo tudo o que tem sido. Para curvar o Caminho ao Nosso Decreto, Nosso caminho duas vezes virado e árvore três vezes cornuda. Para chamar o Senhor dentro da Lâmina, Ó Irmã Ó Irmão, Por carne para carne tu és feito Para fazer e quebrar nosso Juramento Consagrado, Pois este é nosso Caminho, e esta nossa fidelidade: Para erguer a Serpente no Lugar Solitário Nossos lotes lançados adiante na chama; Todos os deuses para abater, todos os templos para queimar, O Olho lançado adiante sobre todos os destinos -- Tal é nosso desvio - e tal nosso retorno!

As Parábolas do Exilado

Parábola do Livro

Um jovem deixou para trás a riqueza, aprendizado e aclamação de sua propriedade familiar para buscar o espírito no deserto. Ele viajou longe e teve miríades de aventuras, mas nenhuma saciou sua sede por conhecimento. Por fim, ele se estabeleceu dentro de

uma caverna, longe das habitações dos homens. Ali ele meditou com os ossos dos caídos, até que com o tempo ele se tornou um velho.

Uma noite ele sonhou que lhe foi mostrado como fabricar um livro. No sonho suas páginas estavam em branco, até que ele aconteceu de cortar um dedo com uma pena talhada. Sangue pingou nas páginas virgens do livro, e ali letras escreveram a si mesmas, até que uma única página estava preenchida.

Ao despertar, o eremita testemunhou o fruto de seu sonho, e de fato, seu sangue havia inscrito uma única página dentro do livro de seu próprio design. Vendo o augúrio claro em sua mente, ele ofereceu sangue fresco para as páginas do livro cada noite antes de dormir. E toda

As Parábolas do Exilado

manhã uma nova página estava preenchida com palavras e símbolos, tanto conhecidos quanto arcaicos para sua mente envelhecida, até que, após um giro completo do sol, o livro estava escrito em sua totalidade.

O eremita reclinou-se com o sol na tarde de sua conclusão, e leu o livro forjado de seu próprio sangue. Muito de suas páginas ele entendeu, e ainda mais estava obscuro para seu raciocínio. Mas, com sabedoria sempre avançando, ele realizou o sonho do livro e o livro que era este sonho. Pois a Morte cantou sua canção de ninar, e em seu suspiro final ele entendeu por fim: Aquilo que havia sido escrito muito antes de ser primeiro lido, na leitura disso foi escrito pela primeira vez. E o velho homem passou, seu sangue meras palavras sobre uma página.

Parábola do Grão

No tempo de plantar, Caim foi adiante para o campo e arou e semeou. E de acordo com a estação, e sob seu cuidado vigilante, o campo primeiro cresceu verde, depois dourado. E Caim olhou para o alto grão curvando-se ao vento e ficou satisfeito.

Seu Irmão Abel, que era um pastor, cada dia passava perto do campo, chamando por Caim dizendo, 'Irmão, dá-me uma porção de teu grão'. Mas Caim o negou, pois Abel desejava o milho como forragem de um dia para seu rebanho e nada mais.

VIA TORTUOSA

Ora, aconteceu que na véspera da colheita, depois que Caim havia se retirado para sua casa, Abel passou pelo campo maduro. E enquanto seu irmão dormia, Abel deu a seu rebanho para comer dos grãos mais seletos, o que equivalia a um terço do campo. E com Abel e seu rebanho também veio uma praga que estragou o campo, enegrecendo um terço de seu milho e fazendo-o murchar.

Na manhã quando ele foi ao campo, Caim olhou para o grão enegrecido, o milho pisoteado e o esterco do rebanho e ficou irado com seu irmão, e amaldiçoou seu nome.

Então Caim reuniu para si o que restava das espigas douradas e imaculadas para debulhar, moer e assar-lhe pão. E quando sua magra colheita havia concluído, Caim preparou-se para descansar, mas foi repreendido de uma vez por uma voz inconveniente atrás dele que gritou, 'Por que recolhes apenas os grãos imaculados?'

E Caim procurou os limites do campo por aquele que havia falado, pensando que era seu irmão zombando dele. Mas ele não viu homem ou mulher ali.

'Ouve-me, Ó Caim, pois eu te conjuro!' veio a voz novamente.

sua abundância e seu trabalho: pois esta era sua Lei. E o Jardim era de design engenhoso, pois foi concebido pelo Mestre, que era seu supervisor.

E aqueles que habitavam dentro do jardim fizeram-no florescer por um poder secreto compartilhado entre eles, mantido em comum. Onde o solo era estéril, tornou-se fértil; onde os poços estavam secos, água surgiu; onde a colheita era pobre, alqueires foram feitos transbordar. E este poder, ou doutrina, eles chamavam 'virar o caminho', e o jardim inteiro tanto participava quanto dava de sua virtude.

Com a passagem do tempo, um pomar entre eles tornou-se taciturno e vaidoso, dizendo a outro: 'Grande é nosso Jardim, mas o Mestre brilhou tão intensamente que ele lançou uma sombra sobre nós. Irei adiante para o deserto, e lá farei um jardim maior para mim mesmo.' E após causar muita discórdia entre eles, ele partiu do Jardim, indo adiante para as terras fora de seus muros.

Assim aconteceu que o pomar encontrou as terras além dos muros do jardim inóspitas, com solo rochoso, espinhos e cardos. E reunindo o todo de sua astúcia e habilidade, ele não conseguiu tornar a terra verde, nem convocar um broto tenro das terras devastadas. Nem havia qualquer coisa saborosa para comer, ou agradabilidade de qualquer tipo. Então o pomar ficou

As Parábolas do Exilado

irado, e gemeu, e amaldiçoou a terra, e rasgou sua barba, exasperando o Mestre.

E aconteceu que o pomar retornou aos Muros do Jardim, mas os portões estavam fechados e não o admitiriam. Ele chamou os outros lá dentro, para que eles pudessem fornecer-lhe produtos para comer, ou ainda abandonar o Jardim levantando-se contra o Mestre, mas ninguém lhe daria ouvidos. E grandes lamentos se elevaram de além do portão do jardim.

E os lamentos persistiram na noite, e quando a Lua se ergueu, o Mestre subiu os altos muros e olhou sobre o deserto onde o pomar estava, dizendo a ele: "Tu falhaste em virar o caminho: não se pode abandonar o Jardim, denunciando o Mestre, e então alcançar sobre seus muros para colher de seus frutos."

Parábola do Cálice

Uma feiticeira buscava um cálice para preparar poções, venenos e antídotos. Tal vaso ela requeria que fosse bem feito e que coubesse em sua própria mão. Ela também desejava que o cálice fosse de forma bela, e sua imagem incorporasse aqueles elixires que ele conteria, possuído de um poder auto-evidente.

Dos mercadores do mercado ela procurou e encontrou uma taça. Formada de cristal impecável, brilhava intensamente e pressagiava muitos poderes. E ainda assim, um resgate de moedas cobertas de esterco era seu preço.

VIA TORTUOSA

Assim ela procurou um segundo cálice, e o encontrou entre as riquezas da Igreja, forjado de prata e gemas. Em astúcia ela o furtou, assim para recapturar o poder que deuses e homens haviam roubado. Mas o cálice continha a sujeira acumulada de consagrações eclesiásticas, e manchava até a água mais pura.

Desanimada, ela prosseguiu para casa sem nenhum dos cálices. Enquanto caminhava ao longo da costa, uma grande concha marinha chamou sua atenção, repousando na linha da maré alta. Colocando a concha em suas mãos, ela esvaziou água de sua cavidade, então mergulhou-a mais uma vez no mar.

Assim a concha tornou-se seu cálice, participando de cura e veneno, sua forma totalmente calculada pela maré e fluxo, e preenchendo a palma de sua mão. Ainda

assim também falava aos seus ouvidos com vozes estranhas e antigas, ensinando os mistérios soberanos das profundezas. E, vendo como era a excrescência de um animal, ela carregava os mistérios do nascimento, vida e morte.

Em verdade vos digo: aquele tesouro adquirido por meios legais tem seu poder; e aquele tomado por meios ilegais também tem seu poder. Mas aquele tesouro passado a ti pela Mão do Espírito compelirá a ambos, e saciará o desejo desconhecido.

As Parábolas do Exilado

Parábola da Maçã

Muitas são as histórias de Nossa Mãe Eva, e como ela foi tentada pela Serpente no Primeiro Caramanchão da terra. Estas são apenas fiapos de fumaça de caule, e as exalações vaporosas dos profanos: pois Nossa Mãe era primeiramente muito sábia, e discernidora de caráter, e natural em expressão.

Após as estações de muitos sóis e luas, ela examinou os frutos da Árvore mais antiga no jardim. Em sua visão foi testemunhado um verme roedor, tunelando através da carne saborosa de cada maçã. Assim, apesar do aroma e beleza madura de cada fruto, sua natureza podre foi revelada, e assim evitada pela primeira Mãe do Homem.

Ainda assim, após uma estação de fome, Eva achou esta circunstância irresoluta e insustentável, e então ela buscou seu remédio. Ela colheu uma maçã infestada de um longo galho e falou assim ao verme entrincheirado:

"Ó tu verme humilde, vem adiante em nudez, para que possas ser castigado, e faze isso com pressa." Com alguma relutância, o verme tunelou para fora e apresentou-se à Nossa Mãe.

"O que queres?" O verme indagou.

VIA TORTUOSA

E ela exortou o verme a falar: "Por que você e seus irmãos estragam todos os frutos desta poderosa árvore?"

E o verme falou, dizendo, "Por que respiras e assim comandas de mim uma resposta? Porque é nossa natureza."

"O quê?" disse Eva. "Ser imundo e arruinar aquilo que fizeste teu verdadeiro lar?"

"Ai de mim, é a natureza das coisas viver por uma estação e então passar, minha senhora."

"Sim, isso é verdade. Mas com que finalidade estragas todos os frutos desta árvore?"

"Não há finalidade, apenas necessidade," respondeu o verme.

E assim dizendo, o verme esticou-se para frente, projetando-se do núcleo da maçã e expandindo-se em uma serpente espessada. Ele enrolou-se ao redor do braço esquerdo de Eva e dirigiu-se a ela:

"Não vês a sabedoria nisto? Na morte está a Vida eterna."

E Eva falou dizendo, "Mostra-me."

A serpente deslizou pela cintura de Eva e entrou

As Parábolas do Exilado

em seu ventre. E em um instante nasceu o conhecimento da Árvore da Vida e da Morte. E Eva sorriu, enquanto entre suas pernas caiu uma maçã imaculada, brilhando com saúde. Ao recuperá-la, ela ouviu uma voz dizer:

"Come e sê sábia."

Parábola do Coveiro

Um ferreiro buscava honrar seus antepassados, e com coração solene empreendeu uma jornada ao cemitério ancestral. O terreno de sepultamento era antigo e remoto, e só podia ser alcançado atravessando um país traiçoeiro. No entanto, gerações de seus predecessores jaziam enterrados lá, e assim em meio a espinheiros, encostas rochosas e insetos mordedores, ele prosseguiu com determinação. De acordo com o costume familiar, ele carregava consigo oferendas para o túmulo. E quatro eram seus presentes de honra e lembrança — um buquê de rosas, uma garrafa de vinho, um pão, e uma cruz de ferro forjada pela Arte de sua própria mão.

Após muitas horas, finalmente ele chegou aos muros externos do cemitério: um grande recinto de altos bancos de terra, uma fortificação como aquelas que os reis bárbaros de antigamente erguiam nos tempos passados. Passando por eles, ele chegou ainda a um

segundo muro, este feito de pedra, também velho. Ele se aproximou do portão funerário, sobre cuja verga estava esculpido o brasão da família, e ali ele foi recebido

VIA TORTUOSA

por um Coveiro alto e nodoso. Embora sua barba e vestimentas manchadas de sujeira revelassem que ele era de grande idade, seu corpo era forte e flexível, e em uma mão ele carregava uma pá, e na outra mão um cajado de Teixo, a madeira da separação. E o Coveiro perguntou ao jovem por que ele havia vindo.

O ferreiro falou de sua peregrinação ao terreno de sepulturas, reunindo flores, vinho e pão como era costume. Mas, impulsionado por um impulso desconhecido, ele acendeu a forja e transformou a cruz de ferro em uma chave. Por este símbolo, ele raciocinou, o Coveiro veria e honraria sua aspiração.

Quando ele veio ao cemitério uma segunda vez, ele foi questionado como antes, e o Coveiro consumiu suas oferendas, deleitando-se em seu sabor. Mas a chave de ferro foi devolvida ao ferreiro, e ele foi mandado embora, sendo-lhe dito: "De todos os teus presentes, apenas este é digno, vai adiante e retorna quando o tempo te tiver atendido corretamente."

O ferreiro falou, dizendo: "Esta é a casa dos ossos de meu pai, e do sangue de minha mãe, e eu venho trazer tributo. E sim, eles me chamaram em sonho, dizendo, Vem adiante, para que possamos conceder-te o poder do direito de nascença."

E assim com raiva o jovem foi embora novamente, desta vez para contemplar o enigma de seu chamado. Ainda assim, com maior urgência, os cadáveres de seus parentes clamaram em sonho que ele deveria vir até eles como o dever exigia. E assim uma terceira vez ele reuniu as oferendas como antes, mas desta vez transformou a cruz de ferro em uma pá de jardineiro, para que o Coveiro pudesse conhecer e respeitar sua aspiração.

As Parábolas do Exilado

E ouvindo isto, o Coveiro negou-lhe a entrada e bateu nele com a vara de Teixo. Então ele tomou os presentes funerários do jovem para si mesmo e o mandou embora. E o pão inteiro foi apreendido e comido, e o vinho bebido, e o belo aroma das rosas apreciado. E ainda o Coveiro não tomou a cruz de ferro, dizendo: "De todos os teus presentes, apenas este é digno, vai adiante e retorna quando o tempo te tiver atendido corretamente."

E o ferreiro foi embora com raiva e ofendido, afrontado pelo Coveiro, cujo rosto assombrava sua mente desperta. Mas em sonho, os ossos de seus antepassados fizeram súplica mais uma vez e exigiram sua presença. Assim, ao acordar, ele se preparou novamente para sua jornada.

E quando ele veio ao cemitério uma terceira vez, o Coveiro perguntou por que ele havia vindo. O jovem ofereceu apenas o Silêncio como sua resposta. Ao ver a pá de ferro, o Coveiro pausou, e então foi dominado por temor, como se contemplando um sinal. Em um único movimento, o ferreiro então esfaqueou o Coveiro com seu implemento e entrou no cemitério com suas oferendas.

Mortalmente ferido, o Coveiro falou, dizendo: "Tudo está bem-augurado: Tu falaste verdadeiramente, e fizeste a oferenda que teus parentes requerem."

VIA TORTUOSA

E ao morrer, o velho homem passou o cajado e a pá para o ferreiro, os emblemas de seu ofício, concedendo-lhe autoridade única sobre o cemitério, e a guarda dos Mortos.

Parábola do Espelho

Havia um velho joalheiro que, nos primeiros dias de seu ofício, adquiriu uma curiosa pedra oblata de um vendedor de gemas não lapidadas. A pedra era grande, de cor escura, e de tipo e origem desconhecidos. Portanto, carecia do brilho das mais finas safiras, esmeraldas e carbúnculos do vendedor, mas por razões que ele não podia explicar, o joalheiro estava fascinado pela pedra, e pelas propriedades que ele sentia que ela possuía. Assim foi que ele obteve a pedra, e a cortou e poliu de acordo com sua habilidade, e a colocou em uma moldura, pois sua face refletia imagens com notável clareza — muito melhor do que um espelho comum.

À medida que os anos avançavam, e o joalheiro ganhava grande habilidade em sua arte, ele estimava o Espelho, mas o mantinha escondido de todos os olhos exceto os seus. Pois era o poder especial deste espelho refletir o mundo não como os homens assumiam que ele fosse, nem como eles desejavam que se tornasse de acordo com seus desejos, mas como ele realmente é. Se alguém se tornasse quieto e silencioso, e olhasse profundamente no Espelho por um tempo, as imagens refletidas em suas profundezas começavam a mudar, assumindo formas que primeiro pareciam incongruentes,

depois estranhas, depois monstruosas. Ao ver tais imagens, a mente ficava perturbada, e a alma oprimida, mas se alguém persistisse corajosamente, recebia terrível revelação.

E por este meio o homem via aquilo que todos os outros não podiam, e entendia muitas das leis secretas, e se tornava sábio. E através do poder do Espelho, ele conhecia as verdadeiras naturezas tanto de seus amigos quanto de seus inimigos, e com este conhecimento foi capaz de preservar sua vida até a velhice. Com o tempo, usando o Espelho desta maneira, ele também se tornou rico, o que os habitantes da cidade atribuíam ao seu domínio da arte do joalheiro.

Quando o joalheiro morreu, sua lapidaria, casa e riqueza foram herdadas por seu aprendiz, um jovem que, apesar da habilidade como joalheiro, também era dado à preguiça e buscas vãs. Aconteceu algum tempo depois que o Aprendiz descobriu o Espelho, escondido em um armário. Maravilhando-se com sua clareza, ele colocou o Espelho diante dele e olhou em sua face, vendo seu próprio reflexo. E, achando-se bonito, ele fez poses, admirando suas próprias características, e imaginou-se um herói ou um deus. Em sua excitação, o aprendiz também ficou fascinado com o Espelho, de tal forma que ele passou uma quantidade crescente de tempo com ele. E quando ele estava longe do Espelho, este preocupava sua mente.

VIA TORTUOSA

Uma noite, o aprendiz olhou fixamente para o Espelho, admirando mais uma vez seu reflexo. Enquanto admirava seu cabelo cheio, olhos brilhantes e nariz bem definido, ele de repente viu uma ferida em parte de seu rosto, da qual pendia uma tira rasgada de carne. No entanto, quando ele tocou sua mão em seu rosto, nenhuma ferida foi encontrada.

Alarmado, ele olhou mais de perto no Espelho e viu um número de verrugas recém-aparecidas, bem como uma horrível deformação das proporções de seu rosto. Nas profundezas escurecidas do reflexo, uma preponderância de figuras vagas enxameava, e de repente, o Espelho se estilhaçou, lançando fragmentos da pedra polida. Em sua destruição, os fragmentos do Espelho cortaram e desfiguraram o rosto do aprendiz, que permaneceu para sempre grotesco.

Parábola do Visitante

À sombra de uma grande montanha tirolesa, havia um convento de construção antiga, talhado da rocha nativa e longe de cidades ou aldeias. Lá viviam vinte e sete irmãs da ordem, praticando sua estrita regra monástica.

Selene, uma irmã da ordem, amava profundamente o Senhor, e de acordo com as estipulações de seus votos como Noiva de Cristo, era fiel a ele apenas. E suas devoções noturnas ao Ungido eram tanto lascivas

As Parábolas do Exilado

quanto lúbricas, e a entregavam a êxtases de corpo, mente e espírito.

Uma noite, durante suas devoções, o Senhor apareceu para ela em forma carnal. Belo era seu corpo, e muito agradável para a irmã, sendo de imagem e proporção de outro mundo. E sua devoção era agradável ao Senhor, e ele retornou a ela na noite seguinte, e muitas noites depois. E o amor da irmã por ele, e pela fé, se aprofundou, e ela cresceu forte em poder e sabedoria.

E aconteceu que após muitos desses encontros, após sua comunhão, o Senhor alterou sua forma e revelou-se como um íncubo.

"Ainda me adoras e dás adoração a mim, querida Irmã?" a criatura perguntou. Ele estava alto, e carregava sobre sua pele nua os estigmas de escamas de serpente.

A irmã, em seu choque, a princípio não conseguia falar. No entanto, ao recuperar sua compostura, ela respondeu, perguntando: "És verdadeiramente meu Senhor, ou meramente uma vil impostura do Infernal?"

O íncubo sorriu, e seu sorriso se transformou em um olhar lascivo. Ele deu um passo em direção à Irmã, como para abraçá-la.

VIA TORTUOSA

"Importaria? Não é teu amor suficientemente puro para as ilusões de ambos?"

A Irmã ponderou este enigma apenas por um momento, então caiu para frente nos braços do Íncubo. Olhando para cima em seus olhos, ela declarou, "Verdadeiramente, meu Senhor, minha pureza é suficiente."

Pois é revelado aos puros de coração que sua devoção será suficiente, não importa seu objeto.

Parábola do Bálsamo

Um embaixador imperial foi enviado em uma missão à Terra Santa pelo caminho dos grandes desertos. Ele passou disfarçado nos trajes de um nômade para evitar assédio. Através de planícies desérticas e beiradas montanhosas ele cruzou, chegando finalmente ao vale do rio Jordão. O Imperador buscava remédio para aflição de corpo e alma no lendário 'Bálsamo do Campo', pois um suprimento guardado havia sido consumido há muito tempo. Era uma missão de tanto desespero quanto astúcia, e o embaixador foi escolhido por sua profunda fé e lealdade ao seu encargo real.

Descendo por um caminho de dromedários cercado de espinhos, o homem se removeu das costas do camelo, para melhor guiá-lo através da passagem acidentada. A algumas milhas de distância fluía o rio Jordão e ele se aproximava cada vez mais de seu destino — um acampamento de comerciantes

e peregrinos conhecido pelos partidários do Imperador como fornecedores dos mais finos temperos, gomas e resinas.

Acima das colinas, o caminho se nivelou, e tornou-se uma trilha mais reta. O homem recuperou sua montaria e viajou para o oeste, seguindo o rio. Conforme o dia diminuía, ele chegou a uma encruzilhada. Ele continuou para oeste e o caminho se tornou fino, bordeado por cerca viva e vegetação excessiva. Em uma pequena clareira, o embaixador viu a árvore de bálsamo e uma alegria inesperada encheu seu peito. Rara era a árvore, chamada Gileade, chamada Shemeth, chamada Tsori-Mastic, ver uma na natureza, especialmente tão perto de um caminho de dromedários, era certamente um milagre do Senhor, pois sua resina, o Bálsamo dos Sábios, poderia ser extraída sem barganha ou taxa.

O embaixador acalmou sua montaria, e desmontou a alguns pés da árvore. Ele caminhou em direção a ela radiante de alegria, embora rapidamente seu prazer foi dispersado. Na base da árvore havia uma série de pedras achatadas empilhadas uma sobre a outra. Sobre a pedra mais alta estava um ídolo toscamente talhado, esculpido de basalto de rio. Sua cabeça aumentada tinha uma visagem hedionda, um demônio cujas características estavam desgastadas pelos elementos, com olhos e presas proeminentes. Atarracado e obsceno, sentava-se sobre a pedra de mesa, sua barriga

protuberante revelando uma multidão de umbigos. Crescendo ao redor do pescoço do ídolo estava um arbusto com flores roxas pálidas, que se espalhava pelas pedras, suas flores emitindo um aroma levemente doce.

VIA TORTUOSA

O embaixador zombou e recuou, afrontado pela exibição pagã. As flores acenderam uma memória dentro dele, de sua juventude; ele sabia que eram de uma planta venenosa cuja beleza era prudente evitar. Apesar de sua perturbação com o ídolo, e a flor venenosa que o acompanhava, o fascínio do bálsamo superou toda trepidação.

Com pressa, com os olhos disparando ao seu redor, ele recuperou de sua bolsa de sela uma adaga afiada de dois gumes cuja lâmina era de prata pura. Ele se benzeu com a faca e murmurou uma oração ao Deus Todo-Poderoso enquanto se aproximava do repugnante santuário. Com desdém, ele agarrou a escultura vulgar e virou-a para que suas costas enfrentassem a estrada, pois um pavor repentino impediu sua mão de depô-la completamente. Ele então se aproximou da árvore, procurando um lugar para fazer uma incisão. Satisfeito, ele levantou a ponta da adaga em direção à casca escamosa. Ao fazê-lo, um farfalhar foi ouvido na folhagem a seus pés. Ele parou e olhou para baixo, mas não viu nada. 'O vento', ele pensou. Ele empurrou a lâmina afiadamente no tronco e gentilmente cortou para baixo. Imediatamente um filete translúcido de seiva emergiu, fluindo lentamente pela casca e lâmina.

O ruído veio novamente, mais alto, e desta vez o embaixador empurrou a vegetação rasteira para o lado com sua bota. Ele gritou alto e deixou cair sua adaga, pois a seus pés estava enrolada uma víbora de escamas brancas. Sem restrição, ela atacou, suas presas afundando na carne acima de sua bota esquerda. O embaixador gritou, agarrou seu peito e caiu para trás, um braço derrubando o ídolo de seu pedestal rústico. Ele caiu no chão, expulsando o ar de seus pulmões cada vez mais constringidos. Ele ofegou enquanto o veneno apertava seu coração. Ele se virou, e sua última visão foi o sorriso obsceno do ícone inchado, olhando diretamente em seus próprios olhos lívidos e moribundos. Pouco ele sabia e agora nunca saberia, que a seiva branca, o próprio Bálsamo de Gileade, era uma cura para ambas as proteções de sua segurança: a florescente Maçã de Sodoma e a serpente de pele albeata. Nem ele viu a resina branca endurecendo tornando-se vermelha escura ao secar.

Como está escrito: o bálsamo para purificação é também o veneno para perdição.

poderoso, e suas vinhas floresceram, e seus vinhos excederam até os limites de seu próprio entendimento.

A Parábola do Fio Vermelho

Ouvi agora, minhas filhas, a Parábola do Fio Vermelho. Há muito tempo foi vosso velho pai barbudo um pária, e preso sobre seus chifres com um pano vermelho tecido, simbolizando os pecados dos primeiros. E verdadeiramente eles me lançaram da mais alta montanha, não sabendo de minhas asas ocultas.

E ainda assim resisti: pois o lugar de minha descida era um abismo profundo. E desconhecido para meus algozes, ali habitava em seu fundo um antigo eremita, de longa barba. Assim, para fazer uma aparência de minha morte, arranquei suas entranhas e as envolvi com o pano vermelho, colocando-as sobre um penhasco rochoso.

Assim o pano vermelho verdadeiramente tornou-se um sinal, não de sua salvação arrogante, mas de minha vitória sobre a morte. E assim, minhas filhas, sempre que caçardes e profanardes os Filhos do Homem, usai um fio vermelho sobre vossas coxas nuas em lembrança do lote da Cabra.

Assim fizeram Shira e Qadama, filhas de Azazel, adiante na noite para seduzir e devastar os Filhos do Homem. E seu fio vermelho, que tanto prendia quanto libertava, tornou-se como a liga de Todo-Desejo.

As Parábolas do Exilado

Parábola do Arctave

No tempo da Grande Inquisição, chegou a uma aldeia portuguesa um inquisidor, acompanhado por uma comitiva de servos e sábios eclesiásticos. Eles haviam viajado muito através das terras áridas da Serra Morena e Extremadura, visitando um grande número de aldeias. Para o desgosto do inquisidor, eles neste tempo não descobriram bruxas, apenas ignorantes pastores de cabras, fiandeiras e tecelãs. A aldeia atual, no entanto, era conhecida como um refúgio para feiticeiros e hereges, e após muitos apelos alarmados da diocese local concernentes a uma infestação de bruxas, a força eclesiástica havia chegado.

O inquisidor, cujo nome era Heroldus, aproximou-se do Bispo, exigindo prova dos alegados covens de bruxas. O Bispo respondeu que de fato ele havia apreendido a 'Rainha' local das bruxas, que agora aguardava sua inspeção e interrogatório. O inquisidor foi então levado a uma cela esquálida de pedra nas profundezas da prisão da aldeia.

"Tragam uma tocha!" Heroldus gritou, e foi providenciada. No entanto, quando a chama iluminou o interior da cela, ela parecia vazia.

O inquisidor estava prestes a enfurecer-se com o insulto à sua posição quando uma voz tímida falou, perguntando: "Posso ter um pouco de água, senhor?"

VIA TORTUOSA

De pé no canto mais distante da cela estava uma jovem mulher, baixa em estatura, mas orgulhosa em porte, que no entanto possuía genuína humildade. Entre suas mãos ela segurava um tricô inacabado — uma capa de lã com capuz. Sem pensar, o grande inquisidor gritou para o guarda trazer um frasco de água e duas taças. Ele pediu mais tochas e a chave da tranca da cela; tudo foi entregue com grande pressa. Os guardas advertiram Heroldus, mas ele repreendeu a todos pelo estado negligenciado da prisioneira.

Os guardas partiram, e o inquisidor serviu uma taça de água e a entregou à jovem mulher. Ela aceitou, inclinando a cabeça para ele.

"Obrigada, senhor."

"Foste maltratada?" Heroldus perguntou.

"Não — não mais do que o Bispo acredita que eu mereça, senhor."

"Eu decidirei isso, garota. Dizem-me que és a 'Rainha das Bruxas'. O que dizes a esta acusação?"

"Sou apenas a filha mais velha de um velho falcoeiro, meu senhor. Não sei nada de bruxaria."

"Ah, nada dizes? E o que seguras em tuas mãos?"

As Parábolas do Exilado

"É apenas um simples capote, tecido para minha irmã, mas meu trabalho foi interrompido em minha prisão, senhor. Não tenho meios de terminá-lo, porque os homens do Bispo levaram meu arctave."

"Arctave?" disse o inquisidor. "O que, por favor, é isso?"

"Um gancho de costura, meu senhor."

Assim dizendo, a jovem mulher começou a gesticular com os dedos de sua mão esquerda, fazendo padrões intrincados no ar. Ao ver isso, o inquisidor recuou e caiu em um desmaio. Durou apenas um momento, e então sem ser solicitado ele perguntou, "Uma adaga serviria para cumprir a tarefa?"

"Ora sim, meu senhor, qualquer coisa com uma ponta afiada."

Impulsivamente Heroldus alcançou seu cinto e retirou sua adaga. Ele a entregou à mulher, cabo primeiro. Ela a pegou delicadamente, curvou-se, e bruscamente a enfiou no pescoço do inquisidor.

Assim entre os Filhos de Caim é dito que uma lâmina de dois gumes corta para ambos os lados, mas quando enfiada na carne apenas um caminho importa — para frente.

VIA TORTUOSA

Parábola dos Prospectores

Dois homens buscavam sua fortuna da terra, e cada um partiu para encontrá-la. Um fixou sua visão nas colinas, pois em tempos passados muito ouro havia sido minerado lá. Assim ele caminhou por um caminho reto até lá, e quando chegou começou a examinar aquilo que ele desejava. E encontrando um rico veio, ele reivindicou sua posse, e minerou ouro da colina. No devido tempo ele ganhou sua fortuna, tendo vendido os frutos de seu trabalho, e comprou para si uma grande casa, com jardins expansivos e muitos servos. E assim, como sua perspectiva, ele se estabeleceu em uma vida de facilidade.

O outro homem fixou sua visão em terras além, e caminhou até ela por um caminho tortuoso, suplicando à própria Fortuna que enviasse qualquer ajuda que ela pudesse. E o caminho vagueou através de pântano e charneca, através de tojo e espinheiro punitivo. Através da torção de seu caminho ele foi levado a muitas coisas desconhecidas para a horda de homens comuns: a deuses, seus restos, e às mais escuras das profecias. E embora nenhum veio de metal dourado fosse encontrado na terra, o Caminho proveu um vasto banquete para o andarilho, com os mais finos pães e vinhos, e conhecimento dos Lugares Secretos da Terra. E na adversidade, assim como na abundância, ele deu graças, pois ambos ofereciam riquezas.

E quando as estações de seu vagar haviam virado, ele chegou a um lugar onde três estradas se cruzavam. Ali

estava uma bela donzela vestida em verde resplandecente. Em uma mão ela segurava uma rosa fragrante, e na outra um ramo espinhoso da mesma árvore. O andarilho estava assim assombrado e espantado com sua presença.

Mas a donzela disse, 'Por que tua aflição, andarilho? Tu me suplicaste, e eu respondi. Agora é minha vez de te suplicar.'

Assim ela suplicou ao prospector, e ele deu a ela sua resposta, e desta maneira eles foram casados e se tornaram governantes da Terra. Tal é o ouro eterno da Estrada Desviante, e o caminho de seu Buscador.

A Parábola da Sombra

Havia uma vez um viajante, mundano, rico e vaidoso, que buscava o extremo em condição e ambiente, tudo para agradar seu senso de autoridade. Ele passou meses em cavernas tropicais sufocantes buscando flores raras e criaturas cegas. Por semanas ele suportou temperaturas gélidas no extremo norte e profundo sul de milhas polares, envolto em cobertores e tenda, meramente para vislumbrar a aurora e ouvir as sinfonias de gelo e vento. Com montanhas asiáticas e desertos africanos ele era íntimo, e foi durante uma longa estadia no Saara que, finalmente, ele encontrou algo novo — algo que surpreendeu seus instintos sempre entediados.

VIA TORTUOSA

Perto do amanhecer, seguindo uma longa noite de verão de caminhada, o viajante montou acampamento e ficou em um pequeno penhasco para assistir ao nascer do sol. Enquanto raios de rosa e ouro se espalhavam pelas dunas, ele avistou sua sombra, que lentamente se alongava na faixa de amanhecer que se espalhava. No início ele mal notou, então um movimento cintilante chamou sua atenção. Sua sombra tremeu, como se tremendo de frio, e enquanto ele observava mais atentamente, uma segunda sombra se desprendeu de seu hospedeiro escurecido. Ela se assemelhava à sua forma original, mas era mais esguia em forma e altura, e deslizava para lá e para cá como uma víbora do deserto.

O viajante sobressaltou-se, e sua sombra seguiu o exemplo — ainda assim a única resposta de sua gêmea esguia foi balançar como uma chama negra na leve brisa da manhã.

No início ele não podia acreditar em seus olhos, mas ele testou a veracidade da segunda sombra estendendo a mão em direção a ela como se para tocá-la. Para sua surpresa, a outra sombra se esquivou do alcance, tremendo como se fosse uma miragem distante do deserto. Foi então que ele ouviu o som estridente, muito parecido com um falcão Saker em pleno giro. Ele olhou para cima, e examinou o horizonte, mas não viu nada, nem mesmo uma nuvem.

Ele olhou para baixo mais uma vez; ambas as sombras o atendiam. Ele esperou um momento, e então, como se para enganar a segunda sombra, lançou seu braço em direção a ela. A sombra de sua mão desapareceu na substância da sombra vaporosa; ele sorriu. Mas o sorriso rapidamente desapareceu

As Parábolas do Exilado

enquanto uma onda de agonia excruciante agitava todo o seu corpo. Ele gritou, tentando puxar sua mão para fora da sombra, mas ela permaneceu submersa. Em horror ele observou enquanto a sombra subia por seu braço e começava a engolir seu corpo. Sem ajuda nem socorro, ele sucumbiu, sua própria sombra completamente absorvida pela outra. Enquanto seu corpo caía em um monte sem vida sobre o penhasco de pedra arenosa, o contorno de sua sombra se expandiu, como a barriga de uma serpente cheia de presas recém-consumidas. Ela tremeu mais uma vez ao sol da manhã e desapareceu como se nunca tivesse existido.

Pois está escrito: No deserto o corpo de um homem não é ele mesmo, e o que é, é meramente uma sombra lançada por seu Adversário, o djinn das terras devastadas.

A Parábola das Garrafas

Três bruxas foram adiante como portadoras de vinho para o Sabbat, carregando consigo suas oferendas ao Diabo. Pois como é ordenado, trareis adiante a primeira vinha do campo maduro, para que a Hoste possa beber até se saciar.

A primeira carregava consigo uma garrafa ornamentada do mais fino e mais raro clarete, uma herança de sua casa. A segunda trouxe adiante uma garrafa que era grande, redonda e inchada como uma cabaça, cheia de uma grande quantidade de vinho suficiente para a Missa.

VIA TORTUOSA

A terceira bruxa não tinha nem vinho de adega, nem vinhedo, mas apenas uma garrafa vazia, como aquela que uma vez continha cerveja marrom comum. Sua falta não obstante, ela trouxe esta garrafa para a Assembleia.

No tempo designado, as garrafas foram trazidas adiante em oferenda ao Bode, que ele então provou. Do vinho raro ficou ele excessivamente satisfeito, pois seu sabor agitou as fontes das Memórias abençoadas. E do vinho abundante ficou ele também satisfeito, pois é sabido que nosso Mestre é o Senhor da Abundância.

Mas a garrafa da terceira bruxa encontrou o maior favor, pois o Diabo se deleita mais naquilo que pode ser preenchido. Assim ele encheu o terceiro vaso até a borda, com os Vinhos Escuros e Secretos do Sabbat. E por este elixir ela foi despertada e feita resplandecente.

Verdadeiramente vos digo: o verdadeiro Buscador é como a terceira bruxa, cuja oferenda de nulidade é encontrada com as Riquezas de Tudo.

Parábola do Redentor

Em tempos antigos viveu um homem conhecido por sua grande sabedoria, e seu dom de adivinhação. Um profeta ele era considerado, e um operador de milagres. Por seu poder, ele reviveu um vasto e arruinado pomar de maçãs para a saúde, que então deu os mais finos frutos. Outra vez,

uma mulher sábia sentenciada ao apedrejamento jazia morrendo de seus ferimentos, e ele a restaurou à saúde perfeita, seus poderes crescendo maiores do que antes. E ainda outra vez, ele chegou a uma biblioteca que havia sido queimada, e de suas cinzas conjurou adiante todos os livros para que eles ficassem ilesos, bem como alguns não conhecidos anteriormente. Com o tempo, o homem sábio alcançou renome, e seu conselho era buscado tanto por reis quanto por pobres.

E atrás dele, onde quer que ele fosse, em seus passos vinham seguidores. Muitos seguiam por curiosidade, e outros por descrença. Ainda outros seguiam por inveja, esforçando-se por qualquer meio para roubar ou imitar seus poderes, ou desejando ser vistos em sua companhia, para que seus próprios vizinhos pudessem pensar que eles

eram tão sábios. Havia alguns, também, que seguiam por causa do aprendizado, escrevendo as palavras do homem sábio.

Também entre os seguidores havia muitos que buscavam ser curados ou limpos pelo homem sábio, ou de alguma maneira, de acordo com seus desejos, tornados melhores e mais íntegros.

"Redime-nos," eles disseram a ele, com gesticulações e súplicas fervorosas.

"Isto eu não posso fazer," respondeu o homem sábio, "Pois eu não sou o Redentor."

No entanto, suas palavras não aplacaram seu desejo,

VIA TORTUOSA

e eles continuaram a seguir, e exigir dele a libertação de sua condição. E suas demandas cresceram mais altas, e mais fortes, e com o tempo vieram a assemelhar-se a imprecações. E o homem sábio olhou para todos eles e ficou em silêncio.

E aconteceu um dia que o homem sábio se retirou para uma colina, onde se sentou sob uma árvore, contemplando seus frutos em silêncio. E abaixo dele, nas margens de um rio, os muitos seguidores habitavam em tendas.

Um grande rugido interrompeu seu devaneio, e ele sentiu o chão tremer. O homem sábio voltou sua atenção para a fonte distante do som. Bem acima no rio, um grande tumulto de água correndo foi visto se aproximando, com grandes pedras e árvores apanhadas em seu dilúvio.

E o homem sábio gritou para os seguidores abaixo, dizendo 'corram!' Mas eles não deram ouvidos.

E os seguidores foram varridos para o dilúvio, gritando enquanto lutavam para se manter à tona, "Mestre, redime-nos!"

A eles ele respondeu, "Como exigis, assim será feito."

E o homem sábio ordenou às águas que os engolissem.

As Parábolas do Exilado

Parábola do Espinho

Um andarilho da beira da estrada passou por um vale coberto de espinheiros, altos e robustos de galho. E como era a estação da colheita, os frutos do espinheiro estavam inchados, e muito maduros. Caminhando perto das árvores, ele contemplou os frutos e sentiu seu odor saboroso, e arriscou-se a colhê-los.

Enquanto colhia os frutos, ele viu que aqueles que eram mais atraentes, maduros e abundantes eram mais difíceis de alcançar, pois brilhavam das profundezas da escura trama dos ramos espinhosos da árvore. E ainda assim ele foi dominado por seu desejo por eles, pois ele entendeu que estes frutos eram de virtude incomparável. Assim por vontade e força e ferocidade de espírito ele agarrou os ramos e os empurrou para o lado, mesmo que isso rasgasse sua carne. Assim os frutos escondidos passaram para suas mãos.

E o andarilho seguiu adiante espancado e perfurado pela árvore de espinhos. No entanto, também foi nutrido por seu fruto, que deu a força para superar suas feridas. E ele se regozijou na virtude do fruto da árvore, mas também no conhecimento secreto do poder de seus espinhos.

Assim são os caminhantes do Caminho Tortuoso como uma árvore de espinhos, que protege sua progênie com espinhos. Mas, pela reviravolta do Destino, eles também são como o andarilho empalado, cujo sangue floresce como a Flor de Nosso Grande Segredo.

VIA TORTUOSA

Parábola da Valeta

Um jovem com aspirações ao clero deixou sua casa, e estava caminhando ao longo de uma velha estrada romana. Em uma bifurcação na estrada, ele encontrou um estranho, um velho homem na aparência. E enrugado era o semblante do velho homem, e ásperas suas vestes, mas seu rosto sugeria sabedoria. O jovem cumprimentou o ancião, e anunciou que estava a caminho da cidade, para pregar e ensinar o Evangelho do Senhor. Ele perguntou se ele desejava companhia, e convidou o estranho a acompanhá-lo no caminho.

"Eu caminharei contigo," disse o velho homem, "Por um tempo."

E aproximando-se de uma bifurcação na estrada, os dois recém-encontrados viajantes viraram pelo caminho da esquerda e seguiram em direção à civilização.

Após muitas milhas, o final da manhã tornou-se final da tarde, e a estrada tornou-se esburacada e esparsa em sua demarcação. Em cada lado havia uma vala profunda, cercada por matagal e espinheiro. O céu cheio de sol ficou nublado, e uma aparente melancolia se instalou no horizonte. De repente, dois sons foram ouvidos, cada um vindo de lados opostos da estrada. Da esquerda do jovem veio um gemido profundo, obviamente de alguém em dor. À direita do velho homem, um lamento intermitente de um animal em perigo. Ambos se olharam, depois para suas respectivas valas. Sem uma palavra, cada um desceu em direção aos sons.

As Parábolas do Exilado

O jovem encontrou um indigente seminu, coberto de sujeira e feridas, gemendo e chorando no fundo da vala. Ele se aproximou do homem com uma compaixão nascida de seu coração cristão e ofereceu-lhe ajuda. O jovem se abaixou e colocou seus braços ao redor do peito do homem para levantá-lo, momento em que, com uma exalação fétida de respiração, o homem vomitou sobre o jovem cristão, manchando suas vestes sagradas e azedando o ar.

Ao mesmo tempo, o viajante idoso encontrou, para sua consternação, uma lebre presa no espinheiro, uma de suas patas superiores empalada em um longo espinho. Seus olhos cinzentos escuros se arregalaram de medo com a aproximação do homem, e ela sacudiu sua pata, fazendo o espinho afundar mais fundo em sua carne.

"Acalma-te agora, jovem lebre, deixa-me ajudar-te," disse o homem calmamente. Com um toque delicado, ele segurou a lebre em uma mão, e lentamente levantou o espinho para fora da pata aflita com a outra. Sangue pingou em seus dedos, e enquanto ele se virava para remover a lebre para segurança, o mesmo espinho picou sua própria palma, seu próprio sangue se misturando com o da lebre.

O velho homem estremeceu e sentou-se, segurando a lebre em suas mãos e cantando baixinho para ela. Então, um evento surpreendente ocorreu. Enquanto ele cuidava de sua palma ferida, uma luz brilhou no matagal diante dele. O estranho olhou para a lebre: sua pata não sangrava mais e seus olhos cinzentos agora brilhavam um prateado reluzente. Na cerca viva, uma porta aberta apareceu. Uma charneca ensolarada foi vista além, e o cheiro de urze quente flutuou de lá. A lebre disparou pela porta. Ao fazê-lo, ela

se transformou na forma de uma donzela formosa com olhos prateados. Ela acenou para ele do outro lado.

VIA TORTUOSA

Assim, que seja lembrado aos Sábios que o Sangue de Elphame confere a Visão do Céu, mas, o Sangue de Adão, apenas a Medida de Toda Vergonha.

Parábola do Labirinto

Em meio às terras selvagens jaz um vasto labirinto de pedra que havia muito tempo caíra em ruínas. A aldeia mais próxima ficava a uma grande distância dele, e ninguém lá conseguia lembrar seu propósito. Por gerações ele havia sido evitado como um lugar temido e assombrado.

Um jovem na aldeia perguntou aos anciãos, "Por que este Labirinto, e que mãos o construíram?" Mas suas palavras lhes deram ressentimento, e então eles o silenciariam, e falariam de coisas menos perturbadoras.

Quando ele atingiu a maioridade, o jovem declarou que ele partiria para descobrir o significado do Labirinto ele mesmo. Isso causou grande consternação e discórdia entre seus anciãos, e eles buscaram disputar com ele, e barrar o caminho. Mas, tendo crescido para a masculinidade, eles não podiam

As Parábolas do Exilado

impedi-lo, e ele resolveu ir adiante para as terras selvagens, para contemplar o Labirinto.

"Se deves ir, toma esta espada," disse um, um soldado idoso e condecorado. "Pois as velhas histórias falam de uma criatura hedionda que vagueia pelas convoluções, e não deseja nada mais do que o sabor da carne humana."

Uma tecelã veio até o jovem, oferecendo-lhe um novelo de fio de lã. Ela disse a ele, "Toma isto, e com a devida astúcia, estende o novelo dentro do Labirinto, para que possas encontrar teu caminho para fora de seus corredores sempre sinuosos."

Outro, considerado um homem sábio, aproximou-se do jovem e pressionou uma magnetita em sua palma, dizendo, "Toma esta pedra, para que a direção do Norte Verdadeiro seja sempre conhecida por ti."

E uma cabeça falou a ela, dizendo: "E para que tu o colherias?"

A segunda cabeça falou a ela dizendo: "Quem é teu mestre?"

E falando para ambas as cabeças juntas, ela respondeu, dizendo, "Eu".

Então o sentinela concedeu-lhe entrada no bosque, e ela colheu seus bálsamos. Quando estava feito, o portal do Norte foi aberto para ela, e ela estava na Cidade.

Assim é que aqueles que entram no Reino de Caim não o fazem pelo portão reto, nem pelo tortuoso, nem por desejo ou proclamação. Ao contrário, eles entram somente tornando-se o próprio reino.

Para as Irmãs da Meia-Noite

Glossário

olho etérico: a constelação astral projetada da identidade sensorial do feiticeiro.

Azha-Caim: a hipóstase Dracônica de Caim como a força projetiva ou iniciadora da magia.

Azoético: forma da Corrente Sabática articulada por Alogos Dhul'Qarnen Khidir em seu livro The Azoëtia, extrapolando os arcanos ocultos da bruxaria através dos estados opostos de Zoa (vida) e Azoa (morte) e expressos através de vinte e duas hipóstases únicas de poder.

Caminho Retrógrado: doutrina da Feitiçaria do Caminho Tortuoso abrangendo a completude através da inversão.

luz negra: a luz universal, ou do Vazio simbolizada por avatares como Seth ou Melek Taus.

diabolismo: uma inversão vulgar ou sensacionalista do rito Cristão.

Dracônico: o caminho da Serpente como Dragão, emanante dos luminares estelares primevos da constelação Draco. Dentro da Tradição Sabática, pertencente à feitiçaria da Gnose Draconiana.

VIA TORTUOSA

sabedoria exílica: a sabedoria nascida do exílio, o conhecimento do pária. A visão nascida do deserto.

glamour: poder da bruxa de manipular conjuntamente aparência e percepção.

gnose: conhecimento ou insight instantâneo nascido da feitiçaria.

habílico: de ou relacionado a Abel, filho de Adão. A hipóstase da vaidade: profano, comum.

Imediação: conhecimento espiritual instantâneo ou ação mágica, surgindo da incorporação do poder.

íncubo: inteligência daimônica do sexual masculino.

lâmias: termo grego arcaico para fantasmas femininos noturnos, devoradores de carne, um progenitor antigo do tipo-bruxa.

Lumael: O Auto-Existente, Ser ginandroso de Luz.

Lux Haeresis: 'Luz da Heresia', uma articulação filosófica do poder animador da bruxaria, como articulado por Frater Akarais Hran-Issiyah do Cultus Sabbati. Postula um estado de luminosidade abrangendo, e liminar aos, estados de luz e escuridão, cada um dos quais busca derrubar.

Glossário

Nova Carne: Transfiguração dos corpos mundanos através da feitiçaria e gnose do Sabbat.

Opositor: Entidade de todo Outro desconhecido.

ordalium: julgamento, tribulação, cadinho de teste.

oscillus: uma máscara ritual.

Corpo Ressuscitado: encarnação dos ativismos coletivos do feiticeiro.

Sabatraxas: na Tradição do Ofício Sabático, o daimon infernal-celestial do Sapo.

súcubo: inteligência daimônica do sexual feminino.

theriacum: hipóstase do antídoto supremo contra veneno.

congresso teriândrico: assunção atávica da forma bestial dentro da carne.

Virapele: o Auto-abatido, perpetuamente ressurgido em Nova Carne.

zeroth: de, ou relacionado ao, estado pré-numérico; alinhado misticamente com o centro do círculo mágico da bruxa.

Bibliografia

Blair, Judit M. De-demonizing the Old Testament. Mohr Siebeck, Tubingen, Alemanha 2009.

Camporesi, Piero. The Incorruptible Flesh: Body Mutation and Mortification in Religion and Folklore. Cambridge Studies in Oral and Literate Culture (Book 17), 2009.

Chumbley, Andrew D. Azoétia: A Grimorie of the Sabbatic Craft. Xoanon, 1992.

— The Book of Effigies. Xoanon, manuscrito não publicado.

— Qutub, or The Point. Xoanon, 2008 (Xoanon Ltd).

— "A History of Crooked Path Teachings".

— "The Golden Chain and the Lonely Road"

— The Dragon-Book of Essex. Xoanon, 2014 (1997).

Crowley, Aleister. Liber Samekh, Book 4. Weiser, York Beach, Maine 1994.

Cultus Sabbati. The Psalter of Cain. Xoanon, 2012.

VIA TORTUOSA

De Lancre, Pierre. On The Inconstancy of Witches (trad. Gerhild Scholz Williams). Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2006 (1612).

Filotas, Bernadette. Pagan Survivals, Superstitions, and Popular Cultures. Pontifical Institute of Medieval Studies, Toronto, 2005.

Fitzgerald, Robert. Midnight's Table. Xoanon, manuscrito não publicado.

— "Ozzhazhael" The Cauldron No. 100, 2000.

Joralemon, Donald and Douglas Sharon. Sorcery and Shamanism: Curanderos and Clients in Northern Peru. University of Utah Press, 1993.

Maarouf, Mohammed. Jinn Eviction as a Discourse of Power. Brill, Leiden, 2007.

Malan, S.C. The Ethiopic Book of Adam and Eve. Norman and Son Printers, London, 1882.

Matt, Daniel C. and Nathan Wolski, trad. Zohar. Stanford University Press, 2004-2016.

Paracelsus, De Origine Morborum Invisibilium.

Pennick, Nigel. Secrets of East Anglian Magic. Robert Hale, 1995.

Bibliografia

Reynolds, John Myrdhin. The Practice of Dzogchen in the Zhang-Zhung Tradition of Tibet. Vajra Publications, Kathmandu, 2011.

Ryan, W.F. W.F. Ryan, The Bathhouse at Midnight. Pennsylvania State University Press, 1999.

Schulke, Daniel A. Lux Haeresis. Xoanon, 2011.

— Veneficium. Three Hands Press, 2012.

— Galamalas. Xoanon, manuscrito não publicado.

— "Cainite Gnosis and the Sabbatic Tradition" The Cauldron 143.

— "Way and Waymark" The Cauldron No. 122, 2006.

— "The Ophidian Sabbat." Starfire, Volume II número 4, 2012.

Westermarck, Edward Alexander. Ritual and Belief in Morocco. University Books, 1968 London, MacMillan, 1926.

Zika, Charles. Exorcising Our Demons: Magic, Witchcraft and Visual Culture in Early Modern Europe. Brill, 2003.

VIA TORTUOSA

VIA TORTUOSA foi publicado por Xoanon Limited no Hallowmass 2018 e.v. sob os auspícios do Cultus Sabbati. O livro é limitado a um total de 559 cópias no total, composto de quatrocentos e noventa e seis edições padrão em tecido carmesim e sobrecapa, quarenta e quatro edições de luxo em quarto de pele de cabra com estojo, e dezenove edições especiais em pele de cabra completa com estojo.

Edição: aoc VOX BAETYLA

---

1. A expressão caminho tortuoso é antiga e quintessencialmente inglesa, assim como a frase relacionada 'por bem ou por mal', sinalizando a diretiva 'por qualquer meio necessário'. _
2. Por exemplo, os encantos cerimoniais populares dos Pennsylvania Dutch. _
3. Andrew D. Chumbley, 'A Spark from the Forge', publicação privada do Cultus Sabbati, (1995, 1998). _
4. Por exemplo, os Svartkonstböcker ou 'Livros de Arte Negra' da Suécia, alguns exemplares tendo vários séculos de idade, com seus conteúdos registrados sendo ainda mais antigos. _
5. Questões relevantes para o historiador da perseguição à bruxaria incluem quais correntes ocultas, se alguma, realmente penetraram e influenciaram as esferas cosmológicas dos acusados, e como aqueles que praticavam vários ramos da magia se adaptaram às pressões externas de criminalidade e, em séculos posteriores, do materialismo racional. Estas questões também podem ser consideradas pelo praticante mágico contemporâneo, para oferecer uma lente diferente de compreensão. _
6. Camporesi, Piero. The Incorruptible Flesh, pp. 22-3. _
7. Geralmente, a feitiçaria satânica — a conjuração de Satã ou das legiões infernais — era uma característica da magia cerimonial cristã, nomeadamente a magia salomônica dos grimórios europeus. Tais conjurações de poderes diabólicos eram constrangidas dentro de rubricas mágicas cristãs ou judaicas, como compelir demônios usando os nomes sagrados de Deus. _
8. Além da autoridade religiosa, o poder da bruxa penetra outros domínios tradicionalmente masculinos como magia, medicina e boticária. _

9. Charles Zika, Exorcising Our Demons: Magic, Witchcraft and Visual Culture in Early Modern Europe, p. 266, 299. _
10. Cerca de 1218, citado em Lea, Materials Toward a History of Witchcraft, Vol. I. _
11. Ilíada, 14.259. _
12. No contexto da narrativa popular, a representação do Diabo é mais diversa do que seu estereótipo literário ou religioso; nestes contextos ele é mais frequentemente retratado como uma força, entidade ou agência que se opõe. _
13. Nod, o lugar do banimento de Caim, dá origem à palavra hebraica 'vagar'. _
14. Também é verdade que alguns dos antigos ritos sacrificiais compartilhavam o corpo dividido da vítima, para que todos fossem nutridos e assim participassem do poder liberado, como os antigos Jogos Olímpicos, fundados em 825 AEC, que sacrificavam 100 bois a Zeus. _
15. W.F. Ryan, The Bathhouse at Midnight, p. 73. _
16. A forma sexual deste Arcano também pode ser usada, com o arranjo correspondente de sacramentos, mas o desvio assim encenado é, em vez disso, contra a própria morte. _
17. Xoanon Limited, 2000. _
18. Mais frequentemente consistindo de três tipos botânicos constituintes suspensos em uma base lipídica: plantas psicoativas da família Solanaceae ou Beladona, como Beladona e Meimendro; ervas tóxicas das Apiaceae, como Cicuta Venenosa; e Acônito (Aconitum spp.). Junto com fuligem, agentes adicionais de sonolência como Ópio ou Cannabis eram às vezes adicionados. _
19. Schulke, Lux Haeresis, 2011. _
20. Veja também Schulke, "The Blasphemy of Things Unseen", Hands of Apostasy, Three Hands Press, 2015. _
21. Linhagens midráshicas de Caim notavelmente incluem a paternidade de Samael. _
22. De Lancre, The Inconstancy of Witches, 153. _
23. O objeto é assim usado em várias correntes do Ofício Antigo, em particular grupos do País de Gales, Shropshire e Ilha de Man. Entre seus adeptos, o rito também é considerado como um ato de 'roubar' de volta o poder dos Caçadores de Bruxas, cujas sondagens profundas foram originalmente destinadas a condenar e desempoderar. _

24. Em uma linhagem do Cultus Sabbati, proveniente das ordens galesas, um objeto similar é conhecido, costurado de couro e recheado com ervas, pedras e pós; os parâmetros de uso ritual são idênticos. _

25. Veja Chumbley, Qutub e One: The Grimoire of the Golden Toad para o significado mágico desta cifra. _

26. Permutações adicionais do rito envolvem penetração anal com a pedra-deus, alinhada com os Arcanos do Bode Sabático, uma forma da chamada 'dança retrógrada' das bruxas. Esta fórmula é de mérito particular para a magia atávica. O congresso homossexual, ele mesmo um estado historicamente 'aberrante', é ainda uma iteração mágica adicional, assim como a penetração de uma única sacerdotisa com múltiplos 'diabos' simultaneamente. _

27. Caim ressoa com o Betylus, a Pedra expulsa do céu que derruba o poder terreno e serve como um objeto de culto. _

28. Uma corrente histórica de feitiçaria popular inglesa que deu origem, em parte, ao atual Cultus Sabbati ensina que a madeira especial de Caim é o Espinheiro Negro (Prunus spinosa), servindo como seu bastão de exílio e vara para comandar espíritos. Considerando as virtudes da madeira, que é densa, espinhosa e frequentemente serve como uma sebe para recintos, ela também pode ser comparada ao Círculo e ao próprio feiticeiro (cercador). _

29. A presença da figura bíblica de Caim no conhecimento de bruxaria das Ilhas Britânicas, Europa e América do Norte é um mistério. Uma hipótese co-relacionada encontra sua derivação na diáspora Romani e consequente difusão cultural pela Europa. É vista na Sicília e norte da Itália pelo menos desde o século 17 em diante, onde Caim é tanto o 'Homem na Lua' quanto o exilado eterno que é invisível, exceto quando chamado para supervisionar os ritos da família ou clã. _

30. Robert Fitzgerald, "Invocation of the Sabbatic Goat Fathers". The Cauldron 100, 2000. _

31. "Como com toda a Natureza, a Sexualidade Primordial é o Equilíbrio Eterno da Diferença." The Azoëtia, 2015, p. 367. _

32. Bernadette Filotas, Pagan Survivals, Superstitions and Popular Cultures, pp. 296-7. _

33. Judit M. Blair, De-demonizing the Old Testament. _

34. De Origine Morborum Invisibilium. _

35. Urticária, erupções cutâneas, priapismo, edema periférico, formação de bolhas e petéquias são emanações fisiológicas típicas do toque de Rahab. _
36. Uma das melhores análises da Marca é encontrada em Ruth Mellinkoff, The Mark of Cain, University of California Press, Berkeley 1981. _
37. O termo 'Fé Sob os Calcanhares do Andarilho' foi cunhado por Andrew D. Chumbley no início do século vinte e um, como a expressão exotérica dos arcanos do Caminho Tortuoso do Cultus Sabbati, e como um manto filosófico dos ensinamentos daquela ordem. _
38. Ritos de 'expulsão', relacionados em alguns níveis ao exorcismo, estão historicamente presentes em muitas tradições de feitiçaria popular e constituem um rico estrato histórico de conhecimento. _
39. John Myrdhin Reynolds. The Practice of Dzogchen in the Zhang-Zhung Tradition of Tibet, p. 248. _